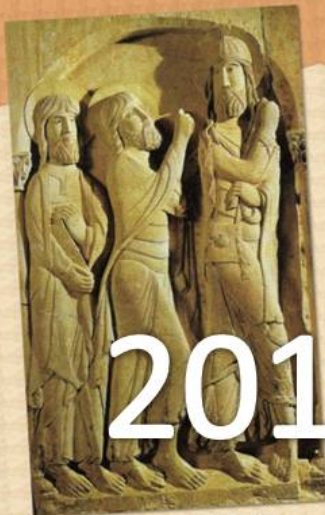


«Vai e faz tu também o mesmo!»
(Lc 10,37)



Tema preparatório do
Congresso Internacional de Brasília



2011-2012



«*Vai e faz tu também o mesmo!*»
(Lc 10,37)

Equipa Responsável Internacional

Tema preparatório
do Encontro Internacional de Brasília

Índice

Introdução	3
Capítulo 1: Oração	9
Capítulo 2: O matrimónio, obra de Deus	17
Capítulo 3: Espiritualidade do Quotidiano.....	23
Capítulo 4: Activos na história.....	31
Capítulo 5: Estar próximo da humanidade e curar o amor.....	39
Capítulo 6: A vida como vocação	47
Capítulo 7: O amor de Deus e o amor ao próximo encontram-se.....	55
Capítulo 8: A missão das Equipas.....	61
Anexo I.....	72

Introdução

Queridos amigos,

Apresentamos-vos o tema de estudo que a Equipa Responsável Internacional elaborou como preparação para o XI Encontro Internacional das ENS, em Brasília.

Como sempre acontece por ocasião dos Encontros Internacionais, o Movimento convida todos os equipistas do mundo a escolher o mesmo tema de estudo num espírito de unidade e de partilha, de fraternidade, de peregrinação rumo ao objectivo comum que nos reunirá a todos em Brasília.

Ao apresentá-lo, gostaríamos de vos dirigir algumas palavras para vos comprometer mais neste trabalho.

- Este tema de estudo foi preparado por toda a ERI, uma vez que a nossa intenção era realizar um trabalho que fosse fruto da internacionalidade do Movimento, internacionalidade representada também por todos os casais que fazem parte da ERI. Se, por um lado, esta opção leva a uma diversidade de estilo e de linguagem nos diferentes capítulos, por outro, favorece a expressão de várias formas de pensar, de escrever, de viver a fé, consoante as diferentes culturas.
- No entanto, todos os capítulos seguem o mesmo esquema que, a partir de um texto evangélico, convida a:
 - *Escutar e reflectir* = pôr-se, antes de mais, à escuta atenta da Palavra de Deus, escuta que permitirá uma reflexão posterior.
 - *Ver* = não se deter nos limites da realidade de cada um, seja ela bela ou não, boa ou má, feliz ou dolorosa, mas antes alargar o olhar e pousá-lo na realidade do mundo e da história actual.
 - *Avaliar* = não se trata de exprimir juízos do alto de uma cátedra, mas de observar para compreender, apreender, conhecer e assumir um compromisso de vida mais activa; logo, de julgar, antes de mais, a coerência entre a nossa fé e a nossa vida.
 - *Agir* = a nossa fé exige que não nos limitemos a ser espectadores passivos da realidade que nos rodeia. O nosso Movimento define-se como «um Movimento de formação e não de acção, mas para pessoas activas», e o nosso Deus é um Deus que Se fez homem. Que gestos podem dar vida à nossa opção de fé e de equipistas?

– *Partilhar* = com base no método que o Movimento nos oferece, através de uma reflexão séria e profunda em casal e em equipa, somos convidados a interrogar-nos sobre questões que podem levar-nos a uma conversão mais autêntica.

É este o percurso proposto em cada capítulo, de forma a que todos os que optarem por este tema de estudo possam unir-se ao espírito do Encontro e viver este tempo como um tempo de graça.

Em primeiro lugar, temos o texto do Evangelho que será o fio condutor do próximo Encontro: o texto que nos narra a parábola do bom samaritano (Lc 10,30-37).

Convidamos-vos a lê-lo em todas as reuniões de equipa, no princípio ou no fim, para, a pouco e pouco, irem entrando no espírito da reflexão que nos espera em Brasília e que nos pedirá uma resposta com esperança e coragem à exortação *Ousar o Evangelho!*

Segue-se uma explicação mais pormenorizada da ilustração que escolhemos para a capa deste tema de estudo. A escolha desta ilustração não corresponde só a um critério artístico ou estético, mas antes ao desejo de vos dar uma imagem que deve permanecer na intimidade do vosso coração, capaz de vos lembrar que todos os dias da nossa vida caminhamos tendo como amigo um Deus que nos precede e nos acompanha.

O Senhor abençoa-nos a todos neste caminho: que Ele seja para todos nós guia e companheiro de viagem.

A Equipa Responsável Internacional

Parábola do bom samaritano

(Lc 10,30-37)

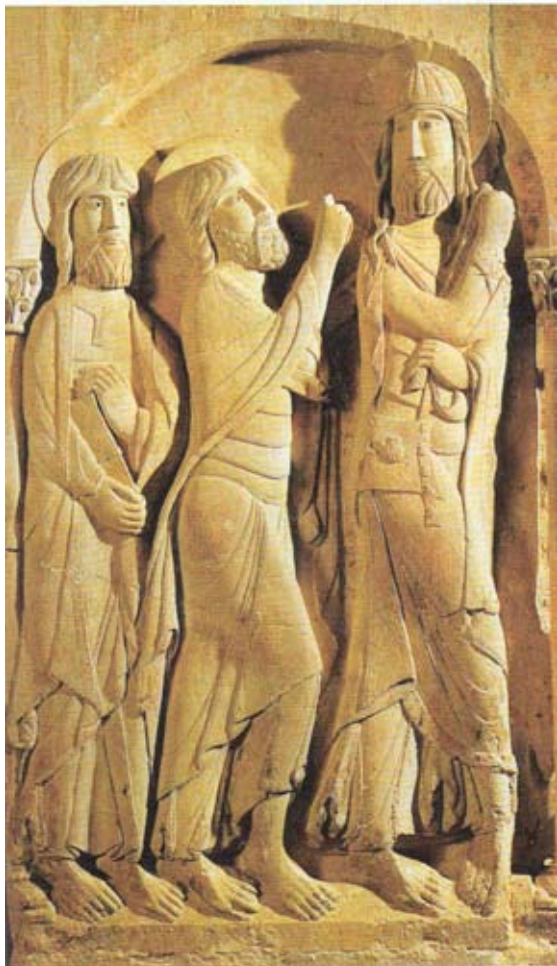
Tomando a palavra, Jesus respondeu: «Certo homem descia de Jerusalém para Jericó e caiu nas mãos dos salteadores que, depois de o despojarem e encherem de pancadas, o abandonaram, deixando-o meio morto. Por coincidência, descia por aquele caminho um sacerdote que, ao vê-lo, passou ao largo. Do mesmo modo, também um levita passou por aquele lugar e, ao vê-lo, passou adiante.

Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele e, vendo-o, encheu-se de compaixão. Aproximou-se, ligou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho, colocou-o sobre a sua própria montada, levou-o para uma estalagem e cuidou dele.

No dia seguinte, tirando dois denários, deu-os ao estalajadeiro, dizendo: “Trata bem dele e, o que gastares a mais, pagar-to-ei quando voltar”.

Qual destes três te parece ter sido o próximo daquele homem que caiu nas mãos dos salteadores?»

Respondeu: «O que usou de misericórdia para com ele». Jesus retorquiu: «Vai e faz tu também o mesmo».



1

Este baixo-relevo dos finais do século XI, conhecido como *Cristo com os discípulos de Emaús*, encontra-se no claustro do mosteiro de Silos, em Espanha.

A abadia de Silos é de fundação antiga, talvez do ano 919, mas foi reconstruída pelos beneditinos cluniacenses em finais do séc. XI.

¹ Todas as explicações que se referem a esta imagem são tiradas do comentário artístico de A. Scattolini, no suplemento n° 9, Maio 2010, da revista *Evangelizzare*, editada pelos Dehonianos de Bolonha.

Nos quatro pilares angulares do claustro estão esculpidos quatro grandes painéis em baixo-relevo; um deles representa *Cristo com os discípulos de Emaús*.

A simplicidade e a austeridade desta cena impressionam imediatamente quem olha para este célebre baixo-relevo. “*Fica connosco, pois a noite vai caindo e o dia já está no ocaso*” (Lc 24,29): é justamente este o versículo do Evangelho que está magistralmente interpretado neste baixo-relevo, em que a unidade da cena não é perturbada por nenhuma decoração nem por nenhum pormenor.

Hoje, como então, como sempre, podemos repetir com toda a confiança: “*Fica connosco, pois a noite vai caindo*”.



As três personagens ocupam todo o espaço: a que está no centro levanta a mão direita para mostrar que o dia já está a declinar. À sua frente, Jesus volta a cabeça para trás enquanto parece continuar o seu caminho. A terceira personagem tem na mão um livro: referência explícita às Escrituras com que Jesus ajuda os discípulos a reler o significado da sua paixão. Há que ter em mente que o itinerário dos dois discípulos de Emaús culmina no banquete do Pão Partilhado e concluir-se-á com a sua viagem de regresso à comunidade com o anúncio da Ressurreição: é, pois, uma poderosa síntese teológica que está contida neste baixo-relevo.



O pormenor dos pés leva-nos de volta à primeira cena: enquanto a primeira passada de Cristo se dirige para nós, porque somos nós aqueles que Ele hoje quer encontrar, os pés dos outros dois estão perfeitamente alinhados, juntos um do outro, para sugerir a ideia do caminho que é preciso fazer para seguir o Senhor. Jesus é, de facto, «o Caminho», Aquele que nos precede sempre em todos os caminhos do mundo.

O Ressuscitado caminha ainda hoje nos caminhos complexos e por vezes sinuosos da nossa sociedade e das nossas culturas. Também ainda hoje há, nas nossas ruas e nas nossas praças, pessoas que procuram e têm em si desejos e hesitações, tristezas e esperanças.

Nós, discípulos, é hoje que somos chamados a responder a essas expectativas, seguindo continuamente o Mestre, o grande Peregrino, que nos precede e nos envia como companheiros de viagem, por caminhos antigos, mas também novos e inexplorados, do nosso mundo moderno.

Capítulo 1: Oração

«Jesus foi para o monte fazer oração e passou a noite a orar a Deus»
(Lc 6,12)

1. Escutar e Reflectir

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Lucas (6,12-19)

Naqueles dias, Jesus foi para o monte fazer oração e passou a noite a orar a Deus. Quando nasceu o dia, convocou os discípulos e escolheu doze dentre eles, aos quais deu o nome de Apóstolos: Simão, a quem chamou Pedro, e André, seu irmão; Tiago, João, Filipe e Bartolomeu; Mateus e Tomé; Tiago, filho de Alfeu, e Simão, chamado o Zelote; Judas, filho de Tiago, e Judas Iscariotes, que veio a ser o traidor.

Descendo com eles, deteve-Se num sítio plano, juntamente com numerosos discípulos e uma grande multidão de toda a Judeia, de Jerusalém e do litoral de Tiro e de Sídon, que acorrera para O ouvir e ser curada dos seus males. Os que eram atormentados por espíritos malignos ficavam curados; e toda a multidão procurava tocar-Lhe, pois emanava d'Ele uma força que a todos curava.

A montanha é, na maior parte das religiões, o ponto de encontro entre o céu e a terra, entre Deus e o homem. É o lugar essencial da presença e da manifestação do divino (teofania). Com efeito, o cume das montanhas, muitas vezes dissimulado pelas nuvens, é um lugar de mistério.

A montanha ocupa um lugar importante na vida de Jesus. Ele sobe muitas vezes à montanha para rezar a seu Pai (*Mateus 14, Lucas 6 e 9*).

Sobretudo para Mateus, a vida de Jesus está enquadrada por dois episódios na montanha: no início, Satanás oferece a Jesus o poder sobre o mundo inteiro (*Mateus 4*); no final, Jesus confere aos seus discípulos o poder que tinha recebido do Pai (*Mateus 28*): «Os onze discípulos partiram para a Galileia, para o monte que Jesus lhes tinha indicado. Quando O viram, adoraram-n'Os; alguns, no entanto, ainda duvidavam. Aproximando-Se deles, Jesus disse-lhes: “Foi-Me dado todo o poder no Céu e na Terra. Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, baptizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado. E sabeis que Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos”». Entre estes dois extremos, dirige-Se à montanha para ensinar a multidão e os seus discípulos (*Mateus 5*):

«Ao ver a multidão, Jesus subiu ao monte. Depois de Se ter sentado, os discípulos aproximaram-se d’Ele. Então, tomou a palavra e começou a ensiná-los...».

A montanha é também o lugar da Transfiguração: «Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e seu irmão João, e levou-os, só a eles, a um alto monte. Transfigurou-Se diante deles» (*Mateus 17*).

Para Lucas, a “subida” a Jerusalém representa o caminho da glória através da cruz; trata-se da subida para “o Monte das Oliveiras”: aí Jesus é aclamado como um rei quando chega montado num burro, e a multidão estendia as suas capas no caminho (*Lucas 19*). Rapidamente, como que para mostrar a inconstância da multidão, volta a tomar o caminho do Monte das Oliveiras para aí ser crucificado (*Lucas 22*).

Também nós somos convidados a “subir à montanha do Senhor”. O alpinista, ou simplesmente o que se passeia na montanha, sabe quanto esforço tem de fazer, mas a visão do cume já o habita. Sabe também que terá de ir o menos carregado possível e que terá de levar víveres pouco pesados mas altamente energéticos. Sabe, por último, que precisa de um guia em quem confie plenamente.

O mesmo se passa com quem empreende o caminho da oração. Sabe que é um caminho difícil, mas a contemplação do Deus vivo, sempre imperfeita, já o enche de felicidade. De que terá de se libertar para ficar mais leve? Certamente não do peso dos homens seus irmãos; a sua oração não seria cristã. Cada um saberá descobrir em si mesmo o que o estorva, o que trava o seu avanço. Evidentemente, o pão do seu caminho é a comunhão no pão eucarístico mas, ao mesmo tempo, a comunhão com todos os seus irmãos, pois toda a oração contém uma dimensão comunitária. Por último, o nosso guia, aquele que nos acompanha, é o próprio Cristo: «Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos» (*Mateus 28,20*).

2. Ver

«Depois de trinta e seis anos de vida sacerdotal, parece-me cada vez mais evidente que, se tantos cristãos estão doentes moral e fisicamente, vivem ansiosos, deprimidos ou sobreexcitados — se tantos casais não conseguem o acordo, a harmonia, a união, a alegria que tinham esperado — se a cristandade se revela tão profundamente dividida, tanto a nível do pensamento como a nível da acção, é porque se desconhece a importância da oração. Quando os indivíduos ou as sociedades deixam de entrar em relação com Deus pela oração, ficam entregues, sem defesa, às forças de desagregação.

Alegam-me a falta de tempo ou de liberdade de espírito, a urgência das tarefas temporais ou apostólicas. Estão a brincar! Que pensaríeis de uma mãe de família que pretendesse não ter tempo para comer porque os seus dois filhos estão doentes, porque as tarefas caseiras a monopolizam...?

A questão toda é saber se rezar é menos vital do que comer. Por outras palavras, saber se abster-se de rezar compromete gravemente a sua saúde moral e espiritual; se, em contrapartida, quem reza encontra equilíbrio, alegria de viver, força para amar.

A minha experiência não me deixa dúvidas: a oração é vital tanto para vós leigos como para nós padres. Reparem bem, não falo daquela oração verbal rápida da manhã ou da noite, mas daquilo a que se chama oração interior ou meditação.

Conheço tantos cristãos, membros das Equipas, que, apesar das árduas tarefas familiares, profissionais e apostólicas, dedicam todos os dias à oração um quarto de hora, meia hora ou mesmo mais. Posso atestar que o seu equilíbrio moral e físico, a sua vida conjugal, as suas diversas actividades, o conjunto da sua vida cristã, encontram nela um princípio de renovação quotidiana. E é grande a minha alegria ao ver que alguns, graças à oração quotidiana, conseguem chegar a essa oração contínua que São Paulo, como Cristo, recomendava: «Orai sem cessar. Em tudo dai graças» (1 Ts 5,17-18).

Que convite suplementar à oração deveria ser para vós, membros das Equipas, pensar em todos esses casais no mundo inteiro que, à falta das luzes e das graças de que sois ricos, são infelizes, doentes, moribundos! Haverá certamente aqueles a quem podeis levar directamente auxílio, mas há outros — e muitos mais — a quem só a vossa oração pode chegar. Responder-me-eis: há carmelitas, trapistas, que rezam. É verdade, mas, por um lado, são poucos e, por outro, passa-se no domínio da oração o mesmo que no do apostolado: cabe, antes de mais, ao semelhante ajudar o semelhante.

Não posso crer que a vida cristã de um casal seja muito profunda se ele não se sentir responsável pelos seus irmãos, se não sentir a necessidade de interceder pelos casais que ignoram o pensamento de Deus sobre o amor e o casamento, se não pensar que algures no mundo há casais de quem, no plano espiritual, está especialmente encarregado.

Fala-se muitas vezes de cristãos adultos, e os cristãos adultos, os casais adultos, são aqueles que se sentem, se sabem e se querem responsáveis pelos seus irmãos, que descobriram a sua missão de intercessão e a assumem tão decididamente como os seus empenhamentos apostólicos.

Numa altura em que casamento e família se decompõem e se desintegram, em que tantos esposos ridicularizam, conscientemente ou não, o pensamento de Deus sobre o casamento, impõe-se como nunca que os casais cristãos se apresentem a Deus agrupados, unidos, e, reconhecendo a sua impotência para, pelas suas próprias forças, levarem a cabo uma renovação do casamento à escala mundial, se comprometam numa oração e numa vida de intercessão para obterem de Deus o que, só pela sua acção, são incapazes de realizar.

Se as nossas Equipas de Nossa Senhora, nos cerca de trinta e cinco países em que estão implantadas, não constituem esta força de intercessão, traem um aspecto essencial da sua razão de ser. Já não passam de um grupo de privilegiados. Ora, a história ensina-nos que mais cedo ou mais tarde vem um tsunami varrer aqueles que se associam para aumentar e defender os seus privilégios.

Alguns de vós entendem tudo isto, pelo que pedem que a oração se torne obrigatória não apenas para os responsáveis mas para todos os casais do Movimento. Não creio que seja necessário multiplicar as obrigações. Mas estou bem convicto de que, se os casais das Equipas de Nossa Senhora, depois de dois ou três anos de vida de equipa, não conseguem por si próprios dar lugar à oração na sua existência, é porque ainda não entenderam grande coisa da vida cristã e da sua responsabilidade espiritual.

Dir-me-eis talvez que a oração não é coisa fácil. De facto, a oração é uma ciência e uma arte. Quem quiser escrever à máquina treina durante semanas, quem hoje toca uma sonata de Beethoven teve de martirizar os vizinhos anos a fio; rezar também se aprende — e nunca se acaba de aprender...

Faço votos para que este ano, graças à entreajuda fraterna dentro das equipas, cada um aprenda a rezar melhor, ou seja, afinal, a amar melhor o seu Deus».²

3. Avaliar

«O meu segredo é extremamente simples. Rezo. Pela oração, torno-me uma no amor com Cristo. Percebo que rezar-Lhe é amá-l'O.

Na realidade, não há senão uma única oração verdadeira, uma única oração consistente: o próprio Cristo. Não há senão uma única voz que se eleva da terra: a voz de Cristo. A oração perfeita consiste não numa abundância de palavras mas no fervor do desejo que eleva o coração até Jesus.

² H. CAFFAREL, «Veillez et Priez », *Lettre mensuelle END* 1/1966.

Toma gosto pela oração. Sente frequentemente a necessidade de rezar ao longo do dia. A oração dilata o coração, até que este possa receber o dom de Deus que é Ele próprio. Pede, procura, e o teu coração crescerá ao ponto de O receber e de O guardar como teu bem.

É no silêncio do coração que Deus fala. Se te colocares diante de Deus no silêncio e na oração, Deus falar-te-á. E então saberás que não és nada. Só quando conheceres o teu nada, o teu vazio, é que Deus te pode encher de Si próprio. As almas dos grandes orantes são almas de grande silêncio.

O silêncio faz-nos ver cada coisa de maneira diferente. Temos necessidade do silêncio para chegar às almas. O essencial não é o que nós dizemos, mas o que Deus diz — o que Ele nos diz e o que Ele diz através de nós. Num silêncio assim, Ele escutar-nos-á. Num silêncio assim, Ele dirigir-Se-á à nossa alma e nós ouviremos a sua voz...

Antes de falar, lembra-te de que é necessário escutar, e só então, a partir do mais íntimo de um coração aberto, poderás falar e Deus ouvir-te...

Estar só com Ele, não nos nossos livros, nos nossos pensamentos, nas nossas recordações, mas num perfeito despojamento; permanecer na sua presença, silencioso, vazio, imóvel, na expectativa...

A oração autêntica é união com Deus, uma união tão vital como a do fruto da vinha e do sarmento, segundo a própria imagem que Jesus nos dá no evangelho de João. Temos necessidade da oração. Temos necessidade de que essa união dê fruto. O fruto é o que realizamos com as nossas próprias mãos...

A oração, para ser fecunda, deve vir do coração e poder tocar o coração de Deus»³.

4. Agir

«Por experiência própria, sei que, se não começo o meu dia com a leitura de um texto do Evangelho, está tudo perdido! Leio o texto e começo com uma oração simples e o estudo do Evangelho. Anoto passagens e retenho uma frase. Pode ser uma frase tão simples como “A esperança vencerá”. Escrevo-a a vermelho no meu bloco de notas. Assim, ao longo do dia volto a ela.

A oração é o centro, o coração e a força da nossa fé. *Orare*, em latim, significa rezar. No entanto, para nós, cristãos, a oração é muito mais do que a simples repetição de fórmulas. A oração é aquele momento que agarramos ao acordar. Ao saltar da cama.

³ Madre TERESA, *Il n'y a pas de plus grand amour*, Lattes, 1997.

Conheço pessoas que se levantam uma hora mais cedo para fazer oração ou ir à igreja. Admiro essas pessoas. Ir procurar Cristo todas as manhãs é um gesto maravilhoso. São Vicente de Paulo dizia: “Dêem-me um homem de oração, ele será capaz de tudo!”...

Sem oração, não fazemos senão sobreviver. Às pessoas que me perguntam como é que eu faço para resistir no meio de uma tarefa tão difícil como é o acompanhamento dos meus jovens, respondo que tiro 60 dias de silêncio por ano, contando os 5 dias de retiro na Argélia. É aí que se encontram a minha força, o coração e o centro da minha vida.

Lembro-me de que, no seminário, os professores repetiam aos jovens estudantes que nós éramos: “Se não fordes, antes de mais, homens de oração, não fareis senão activismo”. Eles queriam dizer que, sem oração, não poríamos a alma nos nossos actos, nas nossas discussões ou até na ajuda que damos. Pelo contrário, o homem orante é dinamizado pelo tempo dedicado à oração.

Sem oração, não fazemos senão sobreviver. A alma de todo o apostolado é a oração, esse momento privilegiado que encontrareis sozinhos, desde que se tenha tornado tão indispensável como o café de manhã. Esse café manter-vos-á despertos todo o dia e dar-vos-á uma força que não imaginais.

O impulso do coração. Uma boa meia hora é perfeito para mim. Depois, sou devorado todo o dia. Esse impulso consiste simplesmente em dizer ao Senhor: “Apodera-Te de mim agora”...

Agarrai-vos todos os dias à oração. Que ela saia de vós naturalmente. As trevas tentam-nos e atraem-nos. É preciso uma certa vontade para nos libertarmos delas e meditarmos o terço.

Por mim, gosto muito de rezar a guiar. (Não há lei que o proíba). Desligo a música ou o rádio. (Não é fácil, há mil e uma coisas interessantes para ouvir) depois rezo o terço e capto um novo sabor, uma onda de muito alta frequência, e eu subo ainda mais alto...

Não pretendo com isso ter iluminações todas as vezes. A oração raramente é luz. Não, agarro-me, e logo me invade uma grande alegria.

É o meu encontro com Deus. É essencial.

Descobrirei uma força e uma alegria secreta através da oração da manhã. Talvez aguenteis três dias e depois desistais, mas eu penso que, a seguir, muito rapidamente, sentireis que falta alguma coisa.

É uma graça que se conquista com dificuldade. Pedi a Deus a graça da oração. Uma vez adquirida, não a deixeis!»⁴.

5. Partilhar

Como reagimos ao que lemos neste capítulo?

Questões para o diálogo em casal

- Propomo-vos que falem um como outro sobre a vossa relação actual com o Senhor: onde está cada um de nós? Como podemos entreajudar-nos a progredir nessa relação?
- Falamos um com o outro sobre a nossa maneira de fazer oração? Em que momento, que duração, que lugar, que suporte? Que meios utilizamos para evitar as divagações do espírito?

Questões para a reunião de equipa

- Que é que este capítulo evoca em nós, que é que nos recorda? Que é que isso nos traz?
- Que horizontes novos, que caminhos de progresso temos ainda que percorrer?

Salmo 4

*Quando Vos invocar, ouvi-me, ó Deus de justiça. **
Vós que na tribulação me tendes protegido,
*compadecei-Vos de mim **
e ouvi a minha súplica.

*Até quando, ó homens, sereis duros de coração? **
Por que amais a vaidade e procurais a mentira?
*Sabei que o Senhor faz maravilhas pelos seus amigos; **
o Senhor me atende quando O invoco.

*Tremei e não pequeis, **
no silêncio dos vossos leitos falai ao vosso coração.
*Oferecei sacrifícios de justiça **
e confiai no Senhor.

⁴ Padre G. GILBERT, *Rallumez le feu*. — O Padre Guy Gilbert esteve toda a vida ao serviço da reinserção de jovens delinquentes.

*Muitos dizem: “Quem nos fará felizes?” **
Fazei brilhar sobre nós, Senhor, a luz da vossa face.

*Dais ao meu coração uma alegria maior **
do que a deles na abundância de trigo e vinho.
*Em paz me deito e adormeço tranquilo **
porque só Vós, Senhor, me fazeis repousar em segurança.

Capítulo 2: O matrimónio, obra de Deus

«O Senhor designou outros setenta e dois discípulos e enviou-os dois a dois, à sua frente» (Lc 10,1)

1. Escutar e Reflectir

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Lucas (10,1-6)

Depois disto, o Senhor designou outros setenta e dois discípulos e enviou-os dois a dois, à sua frente, a todas as cidades e lugares aonde Ele havia de ir. Disse-lhes: «A messe é grande, mas os trabalhadores são poucos. Rogai, portanto, ao dono da messe que mande trabalhadores para a sua messe. Ide! Envio-vos como cordeiros para o meio de lobos. Não leveis bolsa, nem alforge, nem sandálias; e não vos detenhais a saudar ninguém pelo caminho. Em qualquer casa em que entrardes, dizei primeiro: ‘A paz esteja nesta casa!’. E, se lá houver um homem de paz, sobre ele repousará a vossa paz; se não, voltará para vós».

Para compreender a dinâmica do amor conjugal temos necessidade de mergulhar nesta maravilhosa escola que é o amor, e estar à escuta dos nossos sentimentos.

Como casal recebemos uma vida nova e somos continuamente chamados a crescer nessa vida. É na espiritualidade conjugal que desenvolvemos a vida que Deus nos concedeu para construir esta obra-prima .

A sabedoria de Deus, dom que cada um tem em si mesmo, actua na vida de cada casal! Assim, aos casais das ENS é lançado o desafio de entender, interpretar os sinais dos tempos, por mais complexas que sejam as situações humanas da conjugalidade, que trarão sempre sinais de graça!

O amor conjugal, longe de concorrer com o amor de Deus, pode conduzir à plenitude este amor divino, enriquecido e fortificado pelo amor humano.

2. Ver

Ao aderirmos livremente a esta proposta que vem de Deus, transformamo-nos em factores de salvação e felicidade para os outros. Somos os protagonistas de um Amor encarnado. Contudo não há modelos de casamento, o modelo cria-se na gratuidade das relações e dos afectos.

Somos homem e mulher em tudo e para tudo. É nesta condição que nos situamos no mundo. Deus criou o ser humano, homem e mulher, complementaridade que deve ser continuamente renovada, sem rotinas, no respeito e na vontade de um conhecimento profundo, que nos levarão à prática de uma sexualidade mais esclarecida. É preciso então compreender a linguagem do corpo, dos sentidos, a linguagem que nos leva aos ritos do amor, para além da idade e de todas as limitações.

O homem é feito para a mulher e a mulher é feita para o homem, para ambos formarem uma unidade e viverem a comunhão que acontece em Cristo sendo reflexo do Amor de Deus.

Quando se descobre que o grande meio do amor é a abnegação, o caminho é amar, amar até ao fim, para que se destrua o egoísmo e se consiga atingir a plenitude do amor. A vida do casal pressupõe uma caminhada consistente, continuada, em busca da santidade, desenvolvendo os dois, os dons que Deus dá a cada um.

Em Chantilly, o Padre Caffarel afirmava: “Deus oferece dois meios aos que querem tender para a perfeição e para caminhar na estrada da santidade: Amor e Abnegação”.

Amor = Dom de si.

Abnegação = Esquecimento de si.

É a caridade que engloba e abraça toda a realidade de amor entre um homem e uma mulher. A caridade é o eixo no qual se move todo o esforço do casal para conduzir a vida conjugal à plenitude e poder finalmente contribuir para a construção da obra-prima de Deus.

Nós, casais das ENS, entendemos perfeitamente o que nos diz Bento XVI, na sua Carta Encíclica *Deus Caritas Est*, quando nos fala desta realidade humana e divina que constitui a vida matrimonial. “na realidade Eros e Ágape, amor ascendente e amor descendente, nunca se deixam separar completamente um do outro”.

A união sexual transporta em si mesma o sinal do grande mistério da criação e redenção. Homem e mulher, ao criar um lugar de encontro, de alimento, de partilha, de compromisso e de fidelidade, ligar-se-ão numa união perfeita, que nos reporta à Eucaristia.

“Com as ENS, afirma-se na Igreja que a sexualidade é um factor de santificação desde que seja assumida e evangelizada. O prazer é uma realidade santa, que faz parte do plano de Deus” (Notas do Padre Caffarel)

3. Avaliar

O caminho na vida de um casal não é caminho plano. São muitos os que se sentam nas bermas e há também os que voltam para trás...

Quando o Caminho é longo, estabelecem-se “Metas” que podem servir para definir o ritmo, prever obstáculos e marcar o tempo para nos restabelecer. Queimar etapas sem ter clara a meta para a qual se caminha, é caminhar por caminhar.

Sêneca dizia: “não há vento favorável para aquele que não sabe para onde vai”.

Jesus tomou uma decisão irrevogável de ir até Jerusalém. E foi...os discípulos seguem-lhe os passos e, por isso, sentem a necessidade de uma conversão.

Ao viver o Evangelho, aceita-se ser enviado a anunciá-lo. Começamos por ver o que importa na vida, pois ela é marcada pelas nossas decisões. A vida é o resultado da tomada de decisões que se vão fazendo ao longo do caminho.

Santo Agostinho afirma: “Hoje na minha vida o que vibra, o que me constrói, são as minhas decisões”. São as decisões que nos constroem. É importante compreender que somos chamados, não só pelo Movimento mas por toda a Igreja, a sermos testemunhas e discípulos do Sacramento do Matrimónio no Mundo.

“Designou o Senhor setenta e dois discípulos e enviou-os dois a dois à sua frente a todas as cidades e lugares onde Ele havia de ir”. (Lc 10, 1)

O grupo é grande, não são só os doze apóstolos. Como poderá Jesus assistir a tanta gente? Ninguém pode ser excluído! Deus ama todos os homens. As perguntas que se colocavam, hoje repetem-se. O que é e para quem é a Salvação? Salvação é permanecer na vida, a salvação é para todos. *“Permaneei em mim que eu permanecerai em Vós”.* (Jo, 15,4)

Jesus Cristo, desde o início do seu ministério, colocou em marcha a concretização do plano da Salvação que o Pai lhe deu como Missão. O Caminho é longo e gradual mas cada etapa traz oportunidades e compromissos, que exigem conversão. Importa descobrir os sinais do projecto de Deus, nas facilidades mas também nos entraves.

O Padre Caffarel dizia nas Encruzilhadas do Amor: “Não vos convido a deixardes correr as coisas. Simplesmente desejo que não forceis demasiado, de manhã e à noite, que não vos ocupeis continuamente com o fazer, fazer mais, fazer melhor. Na vida interior do cristão, especialmente na hora da oração, é preciso que haja equilíbrio entre fazer e deixar que Deus faça, amar e deixar-se amar, fazer e ser, ser oferta, entregar-se - ao fazer - de Deus”.

4. Agir

“Fazer conhecer Deus, proclamar o Seu Amor, é o primeiro aspecto da missão apostólica do casal” (Henri Caffarel - L’Anneau d’Or, Proclamar o Amor Divino)

Ser Discípulo de Jesus Cristo requer uma clara e decidida opção. Somos chamados pelo Amor e atraídos por Amor - chamados à Santidade. A nossa vocação no mundo de hoje é ajudar outros casais a santificarem-se, fazer tudo para atenuar o sofrimento, impedir, na medida do possível, o sofrimento dos inocentes, amenizar as dores, ajudar a superar os sofrimentos psíquicos.

O facto de anunciarmos a nossa fé não pode diminuir o profundo respeito que devemos ter pelos outros e pelas suas opções. A resposta ao sentido da vida e da morte, o mistério do sofrimento, a solidão invencível, a ânsia de felicidade, sempre procurada e nunca alcançada, a desilusão do amor, a dificuldade de entender a dimensão de eternidade e fidelidade, só o Evangelho a pode dar como proposta de vida.

Só um Deus que entra pessoalmente na história, tornando-se homem e sofrendo nela, poderá curar o mundo. Jesus salvou o Mundo como “Cordeiro” e não como lobo. A Mansidão e o Amor são agentes transformadores. Em sintonia com a imagem do Cordeiro, está a escolha dos meios para realizar a missão. Usemos um equipamento leve: “nem bolsa, nem alforge, nem sandálias”. Partamos apenas dinamizados pela força da Alegria, fortalecidos na Confiança e impulsionados pela Esperança, que nos vem do Espírito Santo.

Transformar-se para transformar

A proposta é exigente. Quando se recebe uma missão, é-se chamado a pôr ao serviço tudo o que somos e temos, o nosso passado e presente. Ao sermos autênticos, somos arrastados para o centro da cena e tornamo-nos protagonistas da caminhada. A Fé anunciada é uma experiência de vida, porque o Cristo que anunciamos é Aquele que amamos e procuramos.

É urgente pôr em prática a missão que recebemos... partir, e partir, renunciando a todas as seguranças.

Confiemos humildemente na protecção do Pastor. Partir surge-nos como resposta a esta entrega, porque sabemos que Deus pode agir através da nossa pobreza e que o nosso trabalho será obra do Espírito Santo.

É importante mostrar hoje que a figura histórica de Jesus tem em si a capacidade de dar sentido à vida do homem e do casal do séc. XXI, onde Deus se revela na vida concreta, na História, na Sua pessoa que habita e encarna em cada homem.

O Padre Caffarel afirmava no Brasil, em 1972: “A Igreja, a nossa grande, a nossa querida Igreja Católica, só será salva na medida que as massas amorfas dos cristãos constituírem equipas coerentes, ao redor de Cristo e animadas pelo Seu espírito”.

Constança e Alberto Alvarado, no Encontro Internacional de Responsáveis de Roma, em 2009, afirmam e apelam ao serviço dos casais das ENS: “as instituições existem para apoiar, defendem tornar eficazes as suas formulações no seio da sociedade e deste caso da Igreja. É a elas que compete defender os seus ideais e liderar as alterações exigidas para conseguir que as suas ideias prevaleçam e triunfem”. É a nós, Equipas de Nossa Senhora - a nova família dos discípulos - que nos é pedido que transformemos o itinerário do mundo. Eis a missão das ENS hoje.

Aproveitemos a manifestação da Glória de Deus e do seu Amor, na vocação do amor humano, para entendermos que, nos sinais dos tempos, há sempre o sinal de graça do Seu amor.

O Senhor quer ser o nosso companheiro de viagem, porque é Ele que nos envia. Partamos dinamizados pelo Espírito e levemos connosco Nossa Senhora, que nos repetirá incessantemente: “Fazei tudo o que Ele vos disser” (Jo, 2,5)

5. Partilhar

Como reagimos ao que lemos neste capítulo?

Questões para o diálogo em casal

Rezamos inicialmente em conjunto para criar um ambiente de acolhimento e abertura. Após um pequeno silêncio troquemos ideias sobre as seguintes questões:

- Em que situações sentimos que tomamos decisões que nos permitem fazer “grandes coisas” e de viver a nossa vocação de casais cristãos?
- Podemos afirmar que o nosso projecto de casamento é realmente dos dois conjugues e não somente de um? Como temos evoluído na nossa “vida de missão”?

- S. Paulo diz: “Convertei-vos para a renovação do vosso espírito”. Que ponto concreto vamos renovar este mês, para mostrar o nosso amor ao conjuge e aos outros?

Questões para a reunião de equipa

“O amor conjugal, longe de concorrer com o amor a Deus, é um caminho através d’Ele”

- Em que somos persuadidos? Quais são as particularidades deste caminho, e particularmente do nosso?
- Interrogamo-nos sobre a função do amor no nosso casal?
- Reflectamos sobre a vocação do amor humano no plano de Deus.
- Reflectamos sobre o “valor sagrado” das nossas uniões físicas. O que predomina? A sensualidade? O dom de si?

“Não vos deixeis surpreender pelas tentações, pelas dificuldades, pelas provas que surjam no caminho, porque com a força de Cristo, podeis, e portanto deveis, realizar grandes coisas”

- Que tentações, que dificuldades, encontramos na nossa vida? Como é que o sacramento de matrimónio e os ensinamentos da Igreja nos ajudam a ultrapassá-las?
- É o nosso casamento uma obra-prima para nós? Quais são os seus efeitos para nós, para o nosso envolvimento? Que ligação fazemos nós com Cristo, com o sacramento?

Salmo 128

*Felizes os que obedecem ao Senhor *
e andam nos seus caminhos.*

*Comerás do fruto do teu próprio trabalho: *
assim serás feliz e viverás contente.*

*A tua esposa será como videira fecunda *
na intimidade do teu lar;
os teus filhos serão como rebentos de oliveira *
ao redor da tua mesa.*

*Assim vai ser abençoado *
o homem que obedece ao Senhor.
O Senhor te abençõe do monte Sião! *
Possas contemplar a prosperidade de Jerusalém*
todos os dias da tua vida,*

*e chegues a ver os filhos dos teus filhos. *
Paz a Israel!*

Capítulo 3: Espiritualidade do Quotidiano

«Seguiam com Ele grandes multidões; e Jesus, voltando-Se para elas, disse-lhes: Se alguém vem ter comigo ...» (Lc 14,25)

1. Escutar e Reflectir

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Lucas
(14,25-33)

Seguiam com Ele grandes multidões; e Jesus, voltando-Se para elas, disse-lhes: «Se alguém vem ter comigo e não Me tem mais amor que ao seu pai, à sua mãe, à sua esposa, aos seus filhos, aos seus irmãos, às suas irmãs e até à própria vida, não pode ser meu discípulo. Quem não tomar a sua cruz para Me seguir não pode ser meu discípulo.

Quem dentre vós, querendo construir uma torre, não se senta primeiro para calcular a despesa e ver se tem com que a concluir? Não suceda que, depois de assentar os alicerces, não a podendo acabar, todos os que virem comecem a troçar dele, dizendo: “Este homem começou a construir e não pôde acabar”.

Ou qual é o rei que parte para a guerra contra outro rei e não se senta primeiro para examinar se lhe é possível com dez mil homens opor-se àquele que vem contra ele com vinte mil? Se não pode, estando o outro ainda longe, manda-lhe embaixadores a pedir a paz.

Assim, qualquer de vós, que não renunciar a tudo o que possui, não pode ser meu discípulo».

Alguns exegetas consideram que na linguagem do Antigo Testamento o comparativo não é vulgar. Jesus fala a um povo habituado à linguagem da sua época. Não se trataria, pois, de comparar o amor a Deus com o amor aos homens, mas de nos alertar para que os amores do nosso quotidiano não se sobreponham ao amor a Deus. A Deus não podemos dar pouco amor.

Aquelas grandes multidões são constituídas por aqueles que foram chamados no passado, por nós, hoje, quando ouvimos o apelo de Jesus e também por todos aqueles que, depois de nós, O hão-de seguir.

Jesus dirige-Se aqui certamente, e de forma especial, àqueles de nós que, primeiro entusiasmados por Ele e tendo abandonado os seus projectos para se comprometerem com o Evangelho, fazem marcha atrás e voltam a uma vida

mais segura, conforme à mentalidade dominante no mundo. Ao ouvir estas palavras de Jesus, adivinha-se o seu desejo: contar com discípulos que se comprometam com Ele de uma vez por todas; que assumam ser seus discípulos em todas as circunstâncias, capazes de O amar acima de qualquer outro bem e, conseqüentemente, pessoas dispostas a tornarem-se construtoras de uma nova civilização do amor. Em suma, trata-se de pôr em prática algo que temos em nós mas de que muitas vezes não nos damos conta: a capacidade de renunciar, de dizer não a tudo o que pode impedir-nos de seguir Jesus e de realizar a obra que Ele espera de nós.

Num dos editoriais mais conhecidos, publicado em 1945, ainda no Boletim do Grupo de Nossa Senhora das Famílias, o nosso fundador escrevia: *«Deus o primeiro a ser amado, o primeiro a ser servido»*.

Este editorial impregna fortemente a orientação do Movimento dada a todos os equipistas; dele destacamos este excerto: *«Que Deus seja em vossa casa o primeiro a ser procurado, o primeiro a ser amado, o primeiro a ser servido. Amai-vos: quando a caridade cresce na vossa família, cresce na Igreja de que ele é a célula viva. Amai-vos: Ubi caritas et amor, Deus ibi est. Sede felizes: O Senhor espera este louvor e os que vos rodeiam, este testemunho»*.

O carisma do Movimento contém o «ser» e o «fazer» ou, se preferirem, a vocação e a missão. Constituídos casais que receberam a graça do amor de Deus no concreto da nossa vida, o Senhor convida-nos a descobrir os mistérios do amor conjugal. Fortalecidos pela vida comunitária em equipa — que nos permite acolher e fazer a experiência do amor — somos enviados para fazer surgir, no nosso meio, na Igreja e no mundo, o papel de discípulos.

2. Ver

A palavra espiritualidade tem diversos significados. Podemos, para começar, associá-la ao estudo da ciência da fé, das coisas divinas. Mas, muitas vezes, ouve-se dizer que alguém tem uma grande espiritualidade quando se admira a sua sabedoria para falar de um assunto religioso. Diz-se também que a espiritualidade tem uma relação com a prática de actos de piedade, com a obediência aos preceitos religiosos.

Todos estes aspectos do conceito de espiritualidade podem ter o seu valor. Não é, porém, em nenhum destes sentidos que queremos situar a espiritualidade, mas naquele que indica a incidência do sopro do Espírito Santo em actos e acções, métodos ou formas, critérios ou pedagogias.

Isto significa que o conjunto das acções e das relações do cristão deve ser impregnado do sopro do Espírito de Deus, desse vigor da alma e do espírito

que é capaz de transformar as actividades rotineiras em oferendas de louvor ao nosso Criador.

Não é sem razão que nos ensinamentos do apóstolo Paulo ouvimos, em diferentes epístolas, a sua insistência para que nos tornemos homens espirituais, para que façamos das coisas comuns do nosso quotidiano hóstias agradáveis a Deus.

«Quer comais, quer bebais, quer façais qualquer outra coisa, fazei tudo para glória de Deus».

Ser cristão não quer dizer viver na estratosfera. São precisamente as realidades indispensáveis à vida humana que devem ser edificadas com a incidência do Espírito. E tudo começa em nós mesmos: tornar cristã a nossa vida conjugal, a paternidade/maternidade; evangelizar a sexualidade; adoptar um estilo de vida sóbrio, sem os excessos das manias do consumo e do descartável; comprometer-se na solidariedade e na partilha com o próximo; recusar o conformismo e comprometer-se na transformação dos valores e na construção da sociedade de que fazemos parte.

3. Avaliar

Sua santidade o Papa Bento xvi vê no relativismo o maior mal do nosso tempo, pois nessa forma de pensar e de agir tudo tem o mesmo valor: desprezam-se os princípios éticos, os valores evangélicos que possam orientar o comportamento humano. A verdade importa pouco, o importante é atingir os objectivos pessoais.

Este relativismo bate constantemente à porta das famílias dos equipistas, sob a forma das mais diversas tendências do pensamento e da acção. Insinua-se sorratamente até mesmo nos meios cristãos, na Igreja, nos movimentos e nas famílias.

A este mal da modernidade acrescentemos os restos da filosofia maniqueísta de tantos séculos, que procura separar o material e o espiritual, o corpo e a alma, provocando assim uma real divórcio entre fé e vida, a incoerência entre os valores que professamos e a nossa forma de agir.

Acabamos por nos satisfazer com a obediência às normas e às regras. «Sou um bom cristão, não falto à missa ao domingo, pago o dízimo, mando os meus filhos à catequese. Sinto-me bem nas Equipas, porque pratico os Pontos Concretos de Esforço, nunca falto às reuniões, estudo o tema mensal, etc.».

Mas fora destes ambientes, qual é a minha forma de agir? No mundo do trabalho, qual é o meu nível de solidariedade com os colegas? Na minha

actividade comercial ou industrial, os meus lucros são fruto da minha ganância, do meu individualismo?

Qual é a minha participação na construção de uma sociedade justa e fraterna? Como vai a minha indiferença em relação à pobreza? Quantas vezes tomei a defesa de uma vítima de injustiça? Quando foi a última vez que clamei em nome dos que não têm voz?

Nas minhas relações sociais, nas festas, nas reuniões de amigos, tive vergonha de defender a verdade, medo de proclamar os valores do Evangelho, de confessar a minha fé e o meu compromisso com Jesus?

O Padre Caffarel dizia que o mundo tem necessidade de santos, «de homens e de mulheres entregues a Cristo, habitados pela sua caridade, movidos pelo seu Espírito. Operários, camponeses e empresários que sejam santos, artistas e cientistas que sejam santos, políticos que sejam santos». Há-de ser pela experiência de uma espiritualidade encarnada no concreto das realidades da existência humana que os homens e as mulheres se tornarão capazes de descobrir os sinais dos tempos, vendo o mundo já não com os olhos mas com o olhar do coração.

É preciso aproximar a pessoa de si própria, na totalidade corpo+matéria e alma+espírito, procurar maravilhar-se com o projecto de Deus para a humanidade e descobrir os sinais que Ele transmite para que seja possível encontrar os caminhos da felicidade e convocar toda a gente a tornar-se construtora da civilização do amor.

4. Agir

Nós somos cidadãos do mundo e da Igreja. As ENS nunca pensaram colocar os seus membros debaixo de uma redoma de vidro para evitar que fossem contaminados pela sociedade paganizada. Muito pelo contrário, somos colocados no mundo como fermento, que tem em si um poder de transformação.

Vivemos num mundo de solidões. Apesar dos progressos da tecnologia das comunicações pela Internet, é surpreendente a solidão dos homens.

Queremos chamar a atenção para a solidão daquele que quer ser escutado, não em conversas superficiais que não vão ao fundo das questões. Falamos da solidão daquele que quer escutar a alma, as inquietações mais profundas, os desejos de buscas transcendentais, que ficam escondidas do próprio interlocutor.

Existe a solidão conjugal de grande número de casais que partilham o mesmo tecto, a mesma cama, e que não conseguem pôr em comum a sua própria vida. Origem de frustrações...

Existe a solidão dos pais e dos filhos que não se falam e que nem se podem compreender, porque não têm tempo para estar juntos.

Existe a solidão diante do transcendente, porque hoje não se procuram senão os bens que o dinheiro pode proporcionar. Há muito a fazer, demasiadas preocupações, demasiados bens a adquirir, e o homem sabe, no fundo de si mesmo, que é Deus que lhe falta.

A solidão daquele a quem falta um verdadeiro sentido para a vida. Fazem-se muitas conquistas, mas nada preenche o vazio da existência humana. Fazem-se imensos esforços, passam-se noites mal dormidas, pensa-se mesmo que se conseguiu, mas a procura continua.

Temos a solidão involuntária daqueles que não têm oportunidade de se tornar pessoas, daqueles que são postos à margem pelas injustiças sociais.

É diante deste turbilhão das solidões humanas que o casal cristão das Equipas, que procura Deus, que é aprendiz de amor e de santidade, é chamado a plantar sementes de esperança. «*Quando o coração humano comete a imprudência de se abrir à caridade de Cristo, esta irresistivelmente alarga-o às dimensões da Igreja e do mundo*», dizia o Padre Caffarel no seu discurso de 4 de Maio de 1959, por ocasião do Encontro Internacional de Roma. O ideal da espiritualidade conjugal que ele e os nossos casais pioneiros tinham sonhado tem uma dimensão missionária, voltada para as carências dos casais, das famílias, dos cidadãos do mundo.

Despertado pelo amor-caridade, compete ao casal ser sinal, testemunha e construtor. Sinal de que Deus não esqueceu o homem; testemunha da felicidade conquistada pela fidelidade ao cônjuge, ao sacramento do matrimónio e aos desígnios de Deus; construtor da esperança de que é possível encontrar um sentido para a vida, de fazer com que o amor de Deus seja conhecido e inculcado nas actividades mais elementares do homem. É tempo de despertar para o compromisso e para a responsabilidade de transformar realidades que nos gritam aos ouvidos. Não é aceitável ficar insensível. Não podemos isolar-nos no conforto das nossas reuniões, nos nossos doces lares protegidos e protectores. Há multidões que nos esperam, que têm sede do nosso amor, que têm necessidade da nossa caridade.

Concluimos com uma inspiração que o Padre Caffarel nos deixou pressentir: «*Que futuro não se poderia esperar para a IGREJA se a luminosa mensagem de Cristo sobre o matrimónio chegasse aos quatro cantos do mundo, se seduzisse grande número de jovens casais, se animasse cada vez mais famílias, onde Deus fosse amado por todos e acima de tudo!*».

5. Partilhar

Como reagimos ao que lemos neste capítulo?

Questões para o diálogo em casal:

- Em que aspectos da minha vida, das minhas acções, do meu testemunho há ruptura com a minha fé?
O apelo à santidade atrai-nos ou desagradá-nos?

Questões para a reunião de equipa:

- Ao analisar o que se passa à minha volta, na escola, no trabalho, no lazer, na vida política e social, de que é que o «olhar do meu coração» me faz tomar consciência?
- A minha forma de agir é a mesma tanto em ambiente eclesial como diante das realidades do meu quotidiano? Porquê?
- Saíamos desta reunião com um projecto de acção concreto. Qual?

Salmo 22(23)

*O Senhor é meu pastor: nada me falta. *
Leva-me a descansar em verdes prados,
conduz-me às águas refrescantes *
e reconforta a minha alma.*

*Ele me guia por sendas direitas *
por amor do seu nome.
Ainda que tenha de andar por vales tenebrosos, *
não temerei nenhum mal, porque Vós estais comigo: †
o vosso cajado e o vosso báculo me encham de confiança.*

*Para mim preparais a mesa *
à vista dos meus adversários;
com óleo me perfumais a cabeça *
e o meu cálice transborda.*

*A bondade e a graça hão-de acompanhar-me *
todos os dias da minha vida,
e habitarei na casa do Senhor *
para todo o sempre.*

Capítulo 4: Activos na história

«*Vós sois o sal da terra... Vós sois a luz do mundo*» (Mt 5,13.14)

1. Escutar e Reflectir

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Mateus
(5,13-16)

Vós sois o sal da terra. Ora, se o sal se corromper, com que se há-de salgar? [...]

Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade situada sobre um monte; nem se acende a candeia para a colocar debaixo do alqueire. [...] Assim brilhe a vossa luz diante dos homens, de modo que, vendo as vossas boas obras, glorifiquem o vosso Pai, que está no Céu.

No evangelho de Mateus, estes versículos vêm imediatamente a seguir às Bem-aventuranças, consideradas como a primeira catequese que Jesus dirige aos seus discípulos.

Gabriel Ringlet acrescenta mesmo que se poderia considerá-los como a nona bem-aventurança: «*Felizes os que dão sabor à existência dos homens, que fertilizam os campos da humanidade. Felizes os que levam ao coração da noite uma lanterna e protegem do vento o seu morrão*»⁵.

Cristo dirige-Se aos discípulos, a nós, à sua Igreja. Mas sejamos claros: o sal não se vê; mistura-se, conserva, derrete o gelo, dá gosto, dá sede. Mas não se vê. E a Igreja seria como sal para o mundo. A luz, pelo contrário, tem uma acção resplandecente, mas vem-nos de Cristo: «*Só Cristo é luz de vida; se caminhamos na luz, então temos comunhão uns com os outros*» (cf. 1 Jo 1,5.7). Assim, só podemos brilhar uns para os outros se estivermos unidos a Cristo.

Mas quando ouvimos dizer que somos o sal da terra e a luz do mundo não correremos o risco de pensar que somos os únicos capazes de compreender? Temos, então, de recordar o profeta Isaías: «*Se retirares da tua vida toda a opressão, o gesto ameaçador e o falar ofensivo, se repartires o teu pão com o faminto e matares a fome ao pobre, a tua luz brilhará na tua escuridão, e as tuas trevas tornar-se-ão como o meio dia*» (Is 58,9-10)⁶.

⁵ G. RINGLET, *Eloge de la fragilité. L'actualité à fleur d'Évangile*.

⁶ L. OBAIN, *Chemins d'Évangile*.

Por estes gestos de amor, participamos com milhares de seres humanos no mistério da existência humana. A palavra de Jesus não é um apelo imperioso a mergulhar no húmus da nossa humanidade e a partilhar com todos — sejam eles quem forem — as questões de justiça, de solidariedade e de paz? A Igreja é chamada a ser sinal da fraternidade com que sonha a humanidade, tendendo para um mundo transformado em comunidade de amor.

2. Ver

A Igreja responde ao desafio de ser «sal da terra» no nosso mundo moderno saindo do seu âmbito natural (a teologia, a Escritura e o dogma) para entrar no da sociedade (a política, a economia, a convivência), através do seu ensino social.

Este diálogo com o mundo tem sempre a sua fonte no Evangelho, mas tem de fazer passar a sua mensagem utilizando a linguagem do seu tempo e num contexto sempre novo.

O homem moderno, na sua vida colectiva e pessoal, é confrontado com questões cada vez mais numerosas e mais precisas. As transformações em curso nas nossas sociedades estimulam a Igreja a «ter uma palavra». É o que ela faz através dos seus escritos.

É interessante percorrer os vários documentos que constituem o ensino social da Igreja durante o último século. Estes documentos estão reunidos no *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, editado em 2004 pelo Conselho Pontifício Justiça e Paz.

O *Compêndio* inclui também o domínio da família⁷.

A última encíclica *Caritas in veritate*, «O amor na verdade», do nosso papa Bento XVI prossegue esta sequência de encíclicas sociais que a *Rerum novarum* iniciou em 1891⁸.

Que contêm estas encíclicas?

«A Igreja pronuncia-se naturalmente sobre as grandes opções que permitirão fazer sociedades de desenvolvimento, de dinamismo e de partilha ou, pelo contrário, orientar-se para sociedades fechadas sobre si próprias sem se preocuparem com as pessoas que as constituem. [...] No plano político, a Igreja é muito mais discreta [...] em contrapartida, a Igreja preocupa-se

⁷ P. DE CHARENTENAY, *Vers la justice de l'Évangile. Introduction à la pensée sociale de l'Église*.

⁸ A este propósito, ver na edição de Fidélité — Bruxelles 2009 — *Guide de lecture et histoire de la doctrine sociale de l'Église* par le CENTRE AVEC.

como domínio social [...] muitos assuntos fundamentais são amplamente discutidos, do trabalho à habitação, do salário à greve, aos sindicatos, etc. [...] No domínio da moral, o discurso social da Igreja é uma abundante fonte de reflexão, desde os debates sobre a pessoa humana e a sua dignidade, os direitos do homem e o bem comum. Distanciando-se das técnicas das ciências humanas, a Igreja fala mais facilmente dos fundamentos que importa respeitar. A defesa que faz da pessoa humana, central em todo o seu discurso, permitiu-lhe desenvolver um conjunto de reflexões mais convincentes»⁹.

A Igreja convida-nos, pois, a passar à acção, «*pois as mudanças são possíveis se os actores quiserem comprometer-se*»¹⁰.

A palavra social da Igreja não tem outro objectivo senão o de procurar que a vida em sociedade seja regulada de acordo com os critérios da justiça e da paz.

3. Avaliar

Ao longo dos séculos, muitos cristãos, padres e leigos, homens e mulheres, têm-se comprometido, por vezes até ao ponto de darem a vida pelos seus irmãos.

A Igreja reconheceu-os: em 2001, João Paulo II dizia aos jovens: «*Vós sois o sal da terra... Vós sois a luz do mundo*», precisando que «*os Santos são o reflexo da glória de Deus, que a Igreja propôs para imitação de todos*»¹¹.

Muitos outros têm trabalhado na sombra ou em segredo para serem fermento na massa.

Pensemos em tantos fundadores de ordens religiosas ao serviço do homem, nos hospitais, nas escolas... E na Acção Católica espalhada pelo mundo inteiro no século XX, assim como em empenhamentos mais arriscados como os padres-operários em França ou a teologia da libertação na América Latina.

Todos estes empenhamentos foram sinais de esperança de um mundo melhor em que cada homem seria reconhecido como pessoa com toda a sua dignidade.

Todo o empenhamento exige um certo discernimento. Em primeiro lugar, quais são as nossas referências, os valores em que devemos apoiar-nos para discernir?

Maurice Zundel interroga-se: «*Que é, afinal, o direito? É o poder de ser homem, é a vocação e o poder de ser homem, ou, se quisermos, a vocação e o*

⁹ P. DE CHARENTENAY, *op. cit.*

¹⁰ *ibidem.*

¹¹ JOÃO-PAULO II, *Mensagem aos jovens do mundo na XVII Jornada Mundial da Juventude 2002.*

poder de amar». Isto implica também que cada homem tenha «um espaço de segurança que garanta um espaço de generosidade»¹².

Mons. Aloys Jousten, Bispo de Liège (Bélgica), esclarece que a questão é: *«que espera Deus de nós aqui e agora? E a pergunta seguinte decorre desta: que temos feito pelos pobres? Se o pobre for o nosso critério, se o pobre for o nosso ponto de partida, todos os outros se seguirão»¹³.*

4. Agir

Pelo nosso testemunho

A nível individual, a palavra de Jesus, se a situarmos no espírito das Bem-aventuranças, convida-nos a brilhar no segredo, a tornar-nos homens e mulheres que trazem em si o sal da paz, da justiça, da bondade e da pobreza.

«Felizes sereis se fordes capazes de penetrar na terra dos homens e aí iluminardes sem ferir, se, dia após dia e janela após janela, acenderdes essa pequena vela de esperança que já derreteu tanto arame farpado»¹⁴.

Estar presente, ser compadecido, estar com e, ao mesmo tempo, deixar-se interpelar ao nível do coração...

Viver de maneira mais evangélica!

Pelo nosso compromisso

Ser sal da terra e luz do mundo pode ser vivido no quotidiano através de um testemunho discreto, mas também pode levar as pessoas conscientes deste apelo a tomar decisões que marcarão uma viragem na sua vida. Este apelo pode surgir em momentos diferentes da vida.

Escutemos o Padre Caffarel: *«O chamamento de Deus pode fazer-se ouvir mais de uma vez na existência humana. [...] Desde que sou padre, quantos confrades meus e leigos não conheci que, um dia, ouviram um chamamento novo! Mas aqui só evocarei casais. Penso naqueles que vi deixarem uma situação do maior repouso para se colocarem ao serviço dos deserdados, dos pobres em bens materiais, em cultura ou em esperança. [...] A alegria de todos esses seres aquando da partida impressionou-me sempre: é um impulso, um salto da alma, uma libertação»¹⁵.*

¹² *Prier 15 jours avec Maurice Zundel*, Ed. Nouvelle Cité, Montrouge 1997.

¹³ A. JOUSTEN, Conferência ADIC 12.03.2009, in *L'Entreprise & L'homme*.

¹⁴ G. RINGLET, *op. cit.*

¹⁵ H. CAFFAREL, *Nas encruzilhadas do amor*.

No contexto da crise mundial que vivemos desde 2008, os cristãos poderiam ser sal da terra e luz do mundo através de empenhamentos ligados ao social ou mesmo à política. Não tenhamos medo, saiamos das nossas paredes! Se quisermos construir uma civilização do amor, temos de nos pôr ao serviço de um humanismo novo à dimensão do mundo, onde reine o respeito pela dignidade de todos na diversidade¹⁶.

E pelo nosso compromisso na Igreja

Uma missão específica dos membros das ENS, Movimento cujo eixo central é a espiritualidade do casal, poderia ser acompanhar os casais, todos os casais cristãos, nas diferentes etapas da sua vida de casal.

A conferência que o casal Constanza e Alberto Alvarado apresentaram no Encontro Internacional dos Responsáveis Regionais em Roma em 2009 esclarece-nos acerca do nosso compromisso como equipistas, mas também acerca dos compromissos a assumir pelo Movimento. Apresentamos alguns excertos¹⁷:

Jean e Annick Allemand citam o Padre Caffarel em 1970 a propósito das instituições cuja *«vocaçãõ deve ser definida não só em função das necessidades dos casais mas também em função das grandes exigências do nosso mundo contemporâneo»*¹⁸.

Em 1976, o Padre Tandonnet, em nome da Equipa Responsável Internacional, definia a «missão» do Movimento: *«A evangelização não se pode reduzir unicamente ao exemplo. Vós pertenceis a um movimento que levou a sério a preocupação de evangelizar. Ao entrardes nas Equipas de Nossa Senhora, não satisfizestes apenas o desejo de aperfeiçoar a vossa vida conjugal pessoal: sabíeis, e depressa o verificastes, que as Equipas querem estar abertas ao mundo e aos outros»*.

O documento *Segundo Fôlego* di-lo explicitamente: *«As Equipas têm um objectivo específico: ajudar os casais a viver plenamente o seu sacramento do matrimónio. Têm, simultaneamente, um objectivo missionário: anunciar ao mundo, pela palavra e pelo testemunho de vida, os valores do matrimónio cristão»*.

É assim que somos chamados a trabalhar em campos de acção como o acompanhamento das equipas de jovens, a preparação para o matrimónio, a

¹⁶ B. SORGE, «Chamados a construir a civilização do Amor», Encontro Internacional dos RR ENS, Roma 2009.

¹⁷ C. & A. ALVARADO, «História e orientações do Movimento nos últimos anos», Encontro Internacional dos RR END, Roma 2009.

¹⁸ J. & A. ALLEMAND, *Henry Caffarel. Face à l'Athéisme*.

caminhada com os casais jovens, a ajuda aos casais com dificuldades e aos divorciados recasados.

A conferência do Padre Caffarel «O carisma fundador», proferida em Chantilly em 1983, é profética a este respeito e anuncia já o impulso actual.

Nessa conferência o Padre Caffarel lamenta duas coisas, das quais uma é a seguinte: *«Lamento que as ENS, nesta perspectiva da sua missão, não tenham acompanhado a caminhada dos centros de preparação para o matrimónio. Eles tiveram sua origem nas ENS mas, muitas vezes, tornaram-se pouco cristãos. Não acho que as ENS devessem ter assumido a direcção da preparação para o matrimónio, mas penso que deveriam ter os seus próprios centros de preparação para o matrimónio, centros que servissem de ponto de referência para os outros, a partir justamente da espiritualidade que elas tinham descoberto».*

Para terminar, retomemos duas frases importantes na conclusão da conferência de Constanza e Alberto Alvarado em Roma: *«Estaremos hoje perante o início de um terceiro período em que o Movimento “reflecta sobre a sua vocação”, a fim de discernir o que é necessário corrigir ou renovar? [...]*

No novo documento da Equipa Satélite para a formação nas ENS, afirma-se que os casais das ENS devem estar preparados para participar em actividades apostólicas exteriores ao Movimento. Perguntamos: de que forma suportará o Movimento essa preparação e como se considera o desenvolvimento futuro deste aspecto da formação? [...] Mas há mais: se a Igreja, enquanto instituição, não só envia os seus membros a “dar testemunho” com o exemplo, a palavra e a acção, mas também os acompanha com formação, organização e apoio institucional, não deveria o Movimento das Equipas de Nossa Senhora fazer outro tanto com os seus membros?».

5. Partilhar

Como reagimos ao que lemos neste capítulo?

À luz das palavras de Jesus «Vós sois o sal da terra, vós sois a luz do mundo», interroguemo-nos com as questões seguintes.

Questões para o diálogo em casal

- Sentimos, num ou noutro momento da vida, algum apelo particular a irmos ter ao encontro dos outros?
- Quais são os nossos empenhamentos actuais? Como os inscrevemos no projecto de Deus?

Questões para a reunião de equipa

- Como reagimos às palavras da Constanza e do Alberto Alvarado: «Mas há mais: se a Igreja, enquanto instituição, não só envia os seus membros a “dar testemunho” com o exemplo, a palavra e a acção, mas também os acompanha com formação, organização e apoio institucional, não deveria o Movimento das Equipas de Nossa Senhora fazer outro tanto com os seus membros?»?
- Acham que o nosso Movimento está perante o início de um «terceiro período», como a Constanza e o Alberto preconizam?

Salmo 8

*Senhor, nosso Deus, **
como é admirável o vosso nome em toda a terra! †
A vossa majestade está acima dos céus.

*Da boca das crianças e meninos de peito **
sai um louvor que confunde os vossos adversários †
e reduz ao silêncio os inimigos rebeldes.

*Quando contemplo os céus, obra das vossas mãos, **
a lua e as estrelas que lá colocastes,
*que é o homem para que Vos lembreis dele, **
o filho do homem para dele Vos ocupardes?

*Fizestes dele quase um ser divino, **
de honra e glória o coroastes;
*destes-lhe poder sobre a obra das vossas mãos, **
tudo submetestes a seus pés:

*Ovelhas e bois, todos os rebanhos, **
e até os animais selvagens,
*as aves do céu e os peixes do mar, **
tudo o que se move nos oceanos.

*Senhor, nosso Deus, **
como é admirável o vosso nome em toda a terra!

Capítulo 5: Estar próximo da humanidade e curar o amor

«Descendo com eles, deteve-se num sítio plano...» (Lc 6,17)

1. Escutar e Reflectir

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Lucas (6,17-19)

Descendo com eles, deteve-se num sítio plano, juntamente com numerosos discípulos e uma grande multidão de toda a Judeia, de Jerusalém e do litoral de Tiro e de Sídon, que acorrera para O ouvir e ser curada dos seus males. Os que eram atormentados por espíritos malignos ficavam curados; e toda a multidão procurava tocar-Lhe, pois emanava d'Ele uma força que a todos curava.

Jesus e os seus discípulos desceram e detiveram-se; são «verbos de acção». Tinha vindo de longe e de toda a parte uma grande multidão para O ouvir e ser curada por Ele.

Jesus Cristo é o único que cura, que cuida de nós e nos envia a cuidar em seu nome; nós somos «feridos-curados». «Vai e faz tu também o mesmo» (Lc 10,37). Também o samaritano «descia» de Jerusalém para Jericó e encontrou um homem gravemente ferido; aproximando-se dele, viu-o e, sem que ele lhe pedisse nada, apiedou-se dele, prestou-lhe cuidados e ligou-lhe as feridas. A seguir, colocou-o sobre a sua própria montada, levou-o para uma estalagem e cuidou dele. No dia seguinte, devendo prosseguir o seu caminho, o samaritano deu duas moedas ao estalajadeiro e pediu-lhe que tratasse dele, comprometendo-se a pagar-lhe o que ele gastasse a mais quando voltasse.

«Também o mundo que vos rodeia fica frustrado se o vosso amor arrefece. Este mundo, que não está longe de desesperar do amor, de uma certa qualidade de amor, e de se submergir na matéria, tem direito ao vosso testemunho. Tem necessidade de vislumbrar o amor divino a irradiar de uma ternura humana, de aprender convosco que Cristo veio salvar o amor. Ireis recusar-lhe esse testemunho?»¹⁹.

¹⁹ H. CAFFAREL, *Textos escolhidos*.

2. Ver

A crise do casal é um fenómeno mundial característico da segunda metade do século XX e dos primeiros anos do século XXI. Numerosos casais vêem-se afectados por esta crise que os conduz à separação e ao divórcio; alguns conheceram já dois, três divórcios ou mais divórcios. Nalguns países, mais de metade dos casais separam-se ou divorciam-se durante os 5 primeiros anos de casamento.

As rupturas definitivas dão-se em todas as classes da sociedade e em todas as idades. Atingem muitos casais e têm provocado alterações nas legislações da maior parte dos Estados para facilitar o divórcio. No início, as leis apresentaram o divórcio como um mal menor que existia para confirmar a «morte do casal» e a «traição das promessas matrimoniais» e para evitar os maiores inconvenientes derivados de uma coabitação matrimonial impossível ou muito difícil. Actualmente, tende-se a apresentar o divórcio como o direito individual de todos os esposos a romper o casamento, mesmo que não exista nenhuma razão grave.

O divórcio não ajuda a resolver os problemas dos casais, mas enfraquece estes ainda mais. As suas causas são inúmeras e variadas e contêm factores internos e externos: imaturidade, fraqueza de carácter, doença, tédio, rotina, infidelidade, vidas paralelas, conflitos profissionais, violência doméstica, ausência de um projecto comum, problemas económicos, incompreensões recíprocas, etc.

Todos nós conhecemos muitos homens e mulheres separados e divorciados; afastados ou próximos: família, amigos, conhecimentos de vizinhança, de trabalho e também na nossa paróquia...

As rupturas de casais são fonte de dor e de sofrimento para os dois cônjuges, ou pelo menos para um deles, e quase sempre para os filhos. Há muitas pessoas feridas pelo fracasso do casamento. Algumas sofreram muito e esforçaram-se por salvar o casal e foram “abandonadas” pelo cônjuge.

Quando o divórcio se banaliza, como acontece em muitos países, a sociedade civil sofre. Embora, à primeira vista, o divórcio seja um assunto privado que não diz respeito senão ao casal e aos filhos, quando os casos de divórcio se multiplicam, o problema estende-se à sociedade: famílias monoparentais (homem só ou mulher só com filhos a seu cargo) causam novos problemas. Poucas pessoas acham ainda que seja socialmente bom que os casamentos durem e não se desfaçam e, contudo, as acções sociais para prevenir e lutar contra as causas que levam ao divórcio são ainda muito poucas e não recolhem o interesse do público.

3. Avaliar

Elementos positivos da situação actual

A liberdade. Na maioria dos países, os homens e as mulheres casam-se livremente; são eles que optam por se casar e escolhem também o seu cônjuge. Nos estados que legislaram sobre o divórcio, os casados que não chegam ao divórcio continuam casados porque querem e não porque a sociedade ou a lei os obrigam; por conseguinte, renovam todos os dias a promessa feita no casamento.

A igualdade entre homem e mulher, e entre o marido e a mulher. É uma conquista das mulheres, fruto da luta e do esforço para participarem na sociedade num plano de igualdade com os homens, e para gozarem dos mesmos direitos que os homens. Elas obtiveram o acesso aos mesmos estudos que os homens, ao trabalho e aos direitos políticos, colocando-se assim ao mesmo nível que eles. Nesta perspectiva, o consentimento para o casamento é mais livre e mais reflectido, tanto no momento de se casarem como na decisão de se manterem casadas.

A mulher aumentou a *preocupação por uma procriação responsável e pela educação dos filhos*. Mas em muitas crises dos casais, os filhos não são um factor de dissuasão do divórcio, salvo se esse factor se juntar a outros factores.

Os progressos técnicos dos meios de comunicação e dos transportes reduziram consideravelmente as distâncias entre os vários lugares do mundo; a economia, a informação, a cultura e as relações entre homens e mulheres internacionalizam-se. Esta abertura ao supranacional enriqueceu-nos a todos e favorece os casamentos entre homens e mulheres de raças, línguas, culturas e religiões diferentes.

A Igreja católica está mais atenta à preparação longínqua e próxima para o casamento, à celebração, aos casais em crise, aos separados, aos divorciados recasados e aos processos canónicos de nulidade de casamento.

Esta preocupação encontra-se em numerosos documentos dos pastores da Igreja e na reflexão dos leigos, em particular dos casais integrados nos movimentos de Igreja, de casais e de famílias.

Elementos negativos ou insuficientes

Partindo de um conceito de «homem e mulher fracos», identifica-se liberdade com ausência de compromisso no casal, felicidade com inexistência de problemas e de dificuldades, e o amor entre um homem e uma mulher define-se como um bem consumível, de «utilizar e deitar fora».

A este conceito de «homem e mulher fracos» faltam os recursos pessoais, próprios, para enfrentar as crises no casal. Estas crises produzem, por vezes e infelizmente, episódios de violência, mas que podem ser ultrapassados.

A maioria dos Estados dá pouca atenção e disponibiliza poucos meios para promover eficazmente a estabilidade dos casais e das famílias, como ajudar a conciliar o trabalho dos esposos com o seu “papel” de casal e de pais. Um conceito de divórcio como direito individual desenvolve-se não como um mal menor mas como último recurso para evitar o pior. Com frequência esquece-se que são os filhos as primeiras vítimas em caso de separação ou de divórcio.

Os pastores da Igreja não prestam suficiente atenção à espiritualidade conjugal e à pastoral do casal depois da celebração do matrimónio; esta é uma grande preocupação da pastoral da família: os casais estão no início da sua vida de casal e têm ainda que criar a sua identidade de casal. Sem casal não pode haver família. A maternidade/paternidade é uma dimensão importante do casal, mas este não se esgota nela.

Embora os números 83 e 84 da exortação apostólica *Familiaris consortio* (22 Novembro 1981) e muitos outros documentos, discursos e homilias posteriores do Papa e das conferências episcopais insistam em que a Igreja deve ajudar os separados e os divorciados recasados, a maioria das comunidades paroquiais e dos movimentos de casais e de famílias não lhes dão a ajuda necessária. Muitos deles estão feridos pelo fracasso do casamento e não compreendem que a Igreja lhes dê reconhecimento, compreensão, solidariedade e ajuda concreta, mas não lhes permita comungar se se unirem a outra pessoa pelo casamento civil.

4. Agir

O *Segundo Fôlego* (1988) assegura que as Equipas como tal «*não se empenham numa acção conjunta determinada, pois cada casal deve descobrir o apelo a que o Senhor deseja que ele responda. [...] mas o Movimento tem um carisma que lhe é próprio e não pode “furtar-se aos seus semelhantes” nem aos apelos específicos dos Bispos no domínio da pastoral familiar. É importante também que as Equipas se abram a outros meios sociais e se preocupem com as necessidades dos seus países, de preferência com as que*

forem indicadas pelas Igrejas locais». E entre os campos de acção das necessidades presentes da pastoral familiar, o documento referia: *«ajudar os casais em dificuldades e os divorciados recasados».*

O Papa João Paulo II, no seu discurso de 20 de Janeiro de 2003 aos Responsáveis Regionais e Supra-Regionais e à ERI, lembrou aos casais a sua *«proximidade espiritual às pessoas separadas, divorciadas e divorciadas que voltaram a casar».*

A partir do *Segundo Fôlego*, muitos casais e conselheiros espirituais das Equipas pediram que a Equipa Responsável Internacional promovesse as actividades concretas das ENS para a pastoral dos separados e divorciados. A ERI não pode comprometer-se, visto que compete a cada casal decidir o que está disposto a fazer, e aos responsáveis de Sector, de Região e de Supra-Região, de acordo com as directivas dos Bispos locais, convidar os casais das Equipas a assumir livremente os seus empenhamentos nos diferentes campos da pastoral do casal e da família, inclusive no dos separados e divorciados recasados.

Pessoalmente, cada casal e cada conselheiro espiritual é chamado a ser «samaritano», para curar os casais feridos e em crise, os separados, os divorciados e os divorciados recasados que nos rodeiam. Não temos nem remédios nem fórmulas mágicas para resolver os seus problemas, mas podemos escutá-los sem julgar, compreendê-los com empatia e estar disponíveis para os acompanhar.

Como membros activos das nossas comunidades paroquiais, devemos promover e apoiar as acções da nossa Igreja local e sustentar as que o nosso Sector ou a nossa Região propõe. É do discernimento evangélico próprio dos leigos que a Igreja precisa.

Como cidadãos, encorajamos os equipistas a participar em foros de opinião e nos debates públicos que tratam das causas das crises dos casais, das separações e dos divórcios, das consequências pessoais, familiares e sociais dessas crises e das medidas que o Estado deveria adoptar para prevenir essas causas e mitigar os seus efeitos. E apoiar, através do nosso voto político, os programas eleitorais que têm em conta essas medidas.

Nunca devemos esquecer que os casais das Equipas são mulheres e homens como os outros. O nosso casamento é ameaçado pelo egoísmo, pela procura de bens materiais e pelo consumo excessivo, pela tentação da infidelidade, pelo peso da rotina, pela fraqueza que nos vem do envelhecimento, pelas paixões, pelos conflitos, pela frustração de não conseguirmos aquilo a que nos propomos, pelo medo e pela dor face à doença, pela recusa do sacrifício pelo outro, pela tentação do desencorajamento.

Todos estes conflitos realçam a profunda contradição em que vivemos: somos criados para amar, mas não somos capazes de viver um amor total. Contudo, ver as nossas fraquezas não nos desencoraja; temos a esperança de que a última palavra na nossa relação de casal casado não será a ruptura, porque Deus é sempre fiel e não desiste nem volta atrás, apesar das nossas fraquezas e dos nossos pecados. Se os dois cônjuges pedirem a Deus a sua misericórdia, Ele «tratará as suas feridas» e fará aumentar neles a capacidade de se amarem e de recomeçarem! Deus estará presente no casal que ama e perdoa, nos momentos de alegria e nos momentos de dificuldade, na saúde e na doença, todos os dias da nossa vida e até na morte!

5. Partilhar

Como reagimos ao que lemos neste capítulo?

Questões para o diálogo em casal

- Houve casais em crise que nos tivessem chamado em seu auxílio? Qual foi a nossa resposta?
- Qual é a nossa atitude para com os casais separados, divorciados ou divorciados recasados que conhecemos? Alguma vez nos pediram ajuda?
- Que estamos dispostos a fazer para ajudar os casais em crise?

Questões para a reunião de equipa

- Somos capazes de detectar as crises e o sofrimento nos outros casais da nossa própria equipa?
- Procuramos estar próximo, ajudar e escutar os casais em crise, separados, divorciados ou divorciados recasados? Ou «olhamos para o outro lado» e «passamos adiante»?
- Participamos em acções da Igreja local no sentido de escutar, acolher e acompanhar os casais em crise?
- Promovemos ou participamos em foros de opinião e em debates públicos sobre as causas das crises do casal, das separações e dos divórcios, com as consequências pessoais, familiares e sociais que elas acarretam, bem como sobre as medidas que o Estado deveria adoptar para prevenir essas causas e mitigar os seus efeitos?
- Exigimos que os nossos representantes políticos incluam nos seus programas eleitorais medidas que previnam as causas das crises nos casais, da separação e do divórcio e mitiguem os seus efeitos? Apoiamos, através do nosso voto político, os programas eleitorais que contêm estas medidas?

Salmo 134(135)

Aleluia

*Louvai o nome do Senhor, *
louvai-O, servos do Senhor,
vós que estais no templo do Senhor, *
nos átrios da casa do nosso Deus.
Louvai o Senhor porque Ele é bom, *
cantai ao seu nome, porque é suave.*

*O Senhor escolheu Jacob, *
Israel como sua propriedade.
Eu sei quer o Senhor é grande, *
o nosso Deus é maior que todos os deuses.
Tudo quanto o Senhor quer, Ele o faz *
no céu e na terra, no mar e nos abismos.*

*Faz subir as nuvens dos confins da terra, *
com os relâmpagos faz cair a chuva, †
desencadeia os ventos de suas prisões.
Feriu os primogénitos do Egipto, *
tanto dos homens como dos animais.
Fez aparecer no meio de ti, ó Egipto, sinais e prodígios, *
contra o Faraó e todos os seus servos.*

*Derrotou muitos povos *
e matou reis poderosos.
Sehon, rei dos Amorreus, e Og, rei de Basã, *
e todos os reinos de Canaã,
e deu a terra deles em herança, *
em herança a Israel, seu povo.*

*O vosso nome, Senhor, permanece para sempre, *
a vossa lembrança passa de geração em geração.
O Senhor defende o seu povo, *
e tem compaixão dos seus servos.*

*Os ídolos dos gentios são ouro e prata, *
são obra das mãos do homem:
Têm boca e não falam, *
têm olhos e não vêem,
têm ouvidos e não ouvem, *
nem há respiração em sua boca.
Sejam como eles os que os fazem *
e quantos neles põem sua confiança.*

*Casa de Israel, bendizei o Senhor, *
casa de Aarão, bendizei o Senhor,
casa de Levi, bendizei o Senhor, *
vós que temeis o Senhor, bendizei o Senhor.*

*Bendito seja o Senhor em Sião, *
Ele que habita em Jerusalém.*

Capítulo 6: A vida como vocação

«*Quando nasceu o dia, convocou os discípulos e escolheu doze dentre eles*» (Lc 6,13)

1. Escutar e Reflectir

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Lucas (6,12-13)

Naqueles dias, Jesus foi para o monte fazer oração e passou a noite a orar a Deus. Quando nasceu o dia convocou os discípulos e escolheu doze dentre eles, aos quais deu o nome de Apóstolos.

Tal como Jesus rezou antes de agir, nós, como casal, somos convidados a fazer a vontade de Deus durante toda a nossa vida, mas para o fazer é essencial procurar, em primeiro lugar, saber qual é a vontade de Deus.

É essencial que nos conheçamos a nós mesmos verdadeiramente, se quisermos desenvolver-nos espiritualmente. Todos nós conhecemos demasiado bem os nossos defeitos fundamentais — as nossas fraquezas interiores e exteriores — e esperamos que os outros não os vejam! No entanto, tendemos muitas vezes a subestimar os nossos pontos fortes e os nossos talentos. Pela oração pessoal, devemos procurar saber verdadeiramente quem somos e projectar uma imagem exterior semelhante à realidade interior.

Rezar em casal é convidar Jesus para o nosso matrimónio. Depois de termos estabelecido verdadeiramente quem somos enquanto indivíduos, é possível explorar honestamente e com toda a franqueza quem somos como casal e qual é a nossa vocação como equipistas.

Só então poderemos agir, sabendo que fazemos a vontade de Deus.

Como disse o Padre Caffarel: *As Equipas de Nossa Senhora têm uma vocação: a sua vocação é ajudar os casais a santificarem-se. Mas têm também um missão na Igreja. É necessário ter sempre presente estes dois aspectos: vocação e missão*²⁰.

Pelo baptismo, somos chamados a ser missionários. Pelo matrimónio, somos chamados a ser casais missionários.

²⁰ Encontro dos Responsáveis Regionais Europeus, Chantilly, 1987.

Assim, o matrimónio influencia de maneira determinante a forma como vivemos a nossa vida espiritual. O matrimónio deve também influenciar a missão, não só de um movimento de casais como o nosso mas também a missão dos próprios casais.

«Esta paixão [*por proclamar Cristo e o Reino de Deus*] não deixará de suscitar na Igreja uma nova missionariedade, que não poderá ser delegada a um grupo de “especialistas”, mas deverá co-responsabilizar todos os membros do povo de Deus. Quem verdadeiramente encontrou Cristo não pode guardá-l’O para si; tem de O anunciar. É preciso um novo ímpeto apostólico, vivido como *compromisso diário das comunidades e dos grupos cristãos*»²¹.

2. Ver

O Movimento das Equipas tem uma missão directa e específica: ajudar os casais a viver plenamente o seu sacramento do matrimónio. Tem ainda um objectivo missionário: proclamar ao mundo, por palavras e pelo testemunho de vida, o valor do matrimónio cristão. Além disso, para cumprir esta missão, temos de compreender, viver e difundir a espiritualidade conjugal.

Alguns casais podem ser chamados a ser missionários em países estrangeiros, mas, para a maior parte dos casais e dos indivíduos, a sua missão realiza-se na família, no trabalho, nas suas comunidades e nos seus lugares de lazer. Sempre que, pela maneira como vivemos e amamos como casal, seguimos e pomos em prática os princípios, os ensinamentos e os valores de Jesus, contribuímos para a qualidade de vida e para a felicidade dos membros da nossa comunidade. Todos os dias somos chamados a seguir Cristo, que proclamou a justiça, o amor, a paz, a remissão e a libertação para todos, em particular para aqueles que estão privados de dignidade, de respeito, de significado ou de esperança nas suas vidas.

Mas lembremos que tudo isto — a vida espiritual e a sua difusão, os métodos do Movimento e a sua organização e toda a ajuda que possamos levar aos nossos irmãos — não tem senão um objectivo: viver o mandamento novo de amar como Jesus nos ama, unir-nos à sua pessoa e proclamá-l’O.

3. Avaliar

A vida dos casais, pelo seu matrimónio cristão, é marcada por um sacramento em virtude do seu compromisso profundo de um para com o outro e é, assim, sinal da graça de Deus. O amor conjugal tem a sua origem no amor de Deus. Foi no íntimo desta relação que nasceu a espiritualidade conjugal.

²¹ JOÃO PAULO II, Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte*, 40.

Os casais desenvolvem a sua espiritualidade conjugal procurando a presença de Deus, tendo o desejo de O conhecer e de fazer a sua vontade em todas as circunstâncias normais da vida. O amor divino encontra a sua expressão no amor humano quando a vida quotidiana dos casais é cheia de cuidado e de preocupação de um pelo outro, com o apoio da fidelidade absoluta, com o acordo e o respeito mútuo e com harmonia de coração e de espírito. Quando até as tarefas mais humildes são feitas no amor, o Senhor está presente no coração dos casais, e a espiritualidade destes é uma realidade vivida.

O casal quer viver esta espiritualidade ao longo de cada dia. Por vezes, é uma luta manter relações afectuosas entre ambos os cônjuges, cometem-se erros e um sofre, mas estendem a mão um ao outro constantemente, e é nesses momentos que encontram Cristo.

«Embora as Equipas de Nossa Senhora não sejam um movimento de acção, pretendem ser um movimento de pessoas activas»²².

As equipas não se juntam, como equipas, para actividades em comum. Cada casal deve descobrir o apelo a que o Senhor quer que responda. Contudo, esta liberdade de empenhamento individual não deve deixar-nos esquecer que o objectivo do Movimento é fazer ver aos casais as possibilidades de mudança e de crescimento. Temos de perceber «os sinais dos tempos», escutar, discernir e responder às necessidades dos outros. Os casais missionários apresentam o matrimónio como uma comunidade viva de amor, como uma fonte e uma expressão ricas da nossa espiritualidade.

Também é importante que os casais:

- «...se abram a outros meios sociais e se preocupem com as necessidades do seu país, de preferência com as que forem indicadas pelas Igrejas locais»²³;
- respondam ao apelo da Igreja para uma nova evangelização, baseada no amor humano e na vida de família. A Igreja tem hoje grande necessidade de leigos casados, enriquecidos por uma formação em que a fé e a vida se alimentem. Os casais cristãos têm também um dever missionário para com os outros casais e um dever de os ajudar. Desejam legitimamente transmitir-lhes a sua experiência e provar-lhes que Cristo é a fonte de toda a vida conjugal.

«Inúmeros casais vos agradecerão a ajuda que lhes levais; na realidade, a maior parte dos casais tem hoje necessidade de ajuda» (Papa Paulo VI às Equipas de Nossa Senhora, 1976).

²² Card. C.M.M. MARTINI, Encontro dos casais da SR Itália, 1998.

²³ EQUIPAS DE NOSSA SENHORA, *O segundo fôlego*.

Para realizar a nossa missão, as Equipas de Nossa Senhora devem continuamente a apoiar a sua acção com a oração: «*Não é a oração a força que nos leva para fora de nós mesmos e nos impele ao serviço dos outros? É pela oração que os meios humanos adquirem a sua plena eficácia, e é a oração que continua a realizá-la quando esses meios já não podem*»²⁴.

O apelo à missão pode ser assustador. Podemos recusar aceitar tarefas específicas porque nos sentimos incompetentes ou por causa das nossas vidas ocupadas, em vez de as vermos como um convite de Deus a usar os nossos talentos e o nosso tempo. Esquecemo-nos de ter a esperança de que Deus nos dará tudo o que é necessário para realizar o trabalho que nos pede. Antes de poder partilhar o nosso amor, temos de saber que podemos ser amados. Teremos dificuldade em perceber e em nos comprometer no nosso papel de casal missionário enquanto não desenvolvermos uma verdadeira relação espiritual com Deus.

A alegria de dar partilhando o nosso amor perpetua a pessoa. Tal como, a partir de uma única vela, se pode acender um grande número de velas, que espalham a sua luz abundantemente e ao longe, sem que o brilho da primeira diminua, assim um casal, por um único acto de amor, pode proclamar a glória de Deus.

4. Agir

Da mesma forma que uma missão individual é confiada a cada pessoa, nós, enquanto casais, recebemos, pelo sacramento do matrimónio, uma missão comum, realizando a nossa vocação na vida.

Por conseguinte, somos chamados a viver o Evangelho todos os dias:

- abrindo-nos ao dom da fé e identificando esse dom em nós e nos outros e exprimindo-o nas nossas vidas quotidianas;
- dedicando tempo para rezar e reflectir juntos, a fim de discernirmos o que o Espírito Santo nos pede;
- identificando e celebrando o dom do matrimónio, a fim de vivermos o apelo de Deus;
- abrindo-nos ao crescimento e à mudança e descobrindo o potencial de cada pessoa;
- percebendo que vencer a adversidade e a decepção pode permitir o crescimento.

²⁴ H. CAFFAREL, in *O segundo fôlego*.

O amor humano, em particular no matrimónio, é imagem do amor de Deus; nós podemos manifestá-lo:

- pela maneira como somos testemunhas, em primeiro lugar na família e depois junto daqueles com quem estamos em contacto;
- pela hospitalidade que damos aos outros;
- pelo nosso espírito de generosidade;
- pela maneira como servimos, nos reconciliamos, apoiamos e estendemos a mão uns aos outros.

Cabe agora a cada um de nós encontrar o lugar particular em que podemos aplicar estes princípios. Poderia ser, por exemplo:

- a formação de equipas de jovens casais;
- a preparação para o matrimónio dirigida a jovens casais de noivos;
- a participação nas comunidades de jovens casais;
- o acompanhamento dos divorciados recasados;
- o acompanhamento de jovens em união de facto.

Temos que nos interrogar: Qual é a nossa vocação? A que actividade nos sentimos chamados? Que necessidades detectamos no local onde habitamos?

5. Partilhar

Como reagimos ao que lemos neste capítulo?

Questões para o diálogo em casal

- O sacramento do matrimónio corresponde a um apelo, a uma vocação, a uma nova união espiritual em Cristo. Como comparamos esta dimensão do nosso matrimónio com a união de Cristo e da sua Igreja?
- O Padre Caffael disse: «Conheço algumas viúvas que voltaram a casar-se e constituíram excelentes casais, mas admiro sobremaneira as que continuam a viver o seu único amor». Já viram ou experimentaram esse tipo de amor? Como respondem a essa forma de amar?

Questões para a reunião de equipa

- *«Pregai com frequência — às vezes utilizai palavras»* (São Francisco de Assis). Já tiveram alguma experiência pessoal em que a vossa acção (ou a de outra pessoa) tenha mostrado o amor aos outros em circunstâncias em que essa acção reflectiu o amor incondicional de Deus? Como podemos reforçar o nosso espírito de compromisso e de fidelidade ao Evangelho para irradiar a espiritualidade conjugal?

- É importante que o amor humano esteja ao serviço de todos. «Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei». Como podemos levar isto às pessoas que nos rodeiam? Que contributo podem dar os casais para a edificação de uma civilização em que o amor ocupe o primeiro lugar?
- Um estudo recente mostra que mais de 70% dos membros das Equipas de Nossa Senhora estão activamente empenhados no apoio à Igreja. Sentiram que a vossa participação nas Equipas alargou a vossa compreensão das necessidades da comunidade da Igreja?

Salmo 138(139)

*Senhor, Vós conheceis o íntimo do meu ser: *
Sabeis quando me sento e quando me levanto.
De longe penetrais o meu pensamento: *
Vós me vedes quando caminho e quando descanso, †
Vós observais todos os meus passos.*

*Ainda a palavra me não chegou à língua *
e já, Senhor, a conheceis perfeitamente.
Por todos os lados me envolveis *
e sobre mim pondeis a vossa mão.
Prodigiosa ciência, que não posso compreender, *
tão sublime que a não posso alcançar!*

*Onde poderei ocultar-me ao vosso espírito? *
Onde evitarei a vossa presença?
Se subir ao céu, Vós lá estais; *
se descer aos abismos, ali Vos encontráis.*

*Se voar na asas da aurora, *
se habitar nos confins do oceano,
mesmo ali a vossa mão me guiará *
e a vossa direita me sustentará.*

*Se disser: «Talvez as trevas me hão-de ocultar *
e a luz, em volta de mim, se fará noite»,
nem as trevas, para Vós, têm obscuridade: *
a noite brilha como o dia †
e a escuridão é clara como a luz.*

*Vós formastes as entranhas do meu corpo *
e me criastes do seio de minha mãe.*

*Eu Vos dou graças
por me haverdes feito tão maravilhosamente: *
admiráveis são as vossas obras.*

*Vós conhecíeis já a minha alma *
e nada do meu ser Vos era oculto,
quando secretamente era formado, *
modelado nas profundezas da terra.*

*Ainda em embrião se viam minhas obras *
e já meus dias estavam marcados no vosso livro,
estavam escritos e fixados *
ainda antes que um só deles existisse.*

*Como são difíceis, meu Deus, os vossos desígnios! *
Incalculável é o seu número.
Se os quisesse contar, seriam mais numerosos que a areia, *
e, se pudesse chegar ao fim, estaria ainda convosco.*

*Sondai-me, ó Deus, e vede o meu coração, *
ponde-me à prova e conheci os meus pensamentos.
Vede que não ande por mau caminho, *
conduzi-me pelo caminho da eternidade.*

Capítulo 7: O amor de Deus e o amor ao próximo encontram-se

«Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração... e ao teu próximo como a ti mesmo» (Mt 22,37-40)

1. Escutar e Reflectir

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Lucas
(10,25-29)

Levantou-se, então, um doutor da Lei e perguntou-Lhe, para O experimentar: «Mestre, que hei-de fazer para possuir a vida eterna?».

Disse-lhe Jesus: «Que está escrito na Lei? Como lês?».

O outro respondeu: «Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças e com todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo».

Disse-lhe Jesus: «Respondeste bem; faz isso e viverás».

O texto evangélico de Lucas confronta-nos com o velho debate que tem apaixonado os crentes de todos os tempos: qual é o mandamento que vem antes de todos os outros? Amar a Deus ou amar o homem? A resposta de Jesus é tão clara e evidente que perguntamos porquê debater ainda esta questão. *«Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração... e ao teu próximo como a ti mesmo».*

Estas palavras já presentes na lei que Deus deu ao povo judaico (cf. *Levítico 19*) são retomadas por Jesus para responder a um escriba — pessoa entendida nas questões da lei — que Lhe pergunta qual é o primeiro e o maior mandamento.

Não há, assim, precedência para o mandamento único do amor, o amor a Deus que passa pelo e se identifica com o amor ao homem. Não é possível distinguir estes dois amores, tal como é impensável separar a árvore da sua folhagem: quanto mais amamos a Deus mais cresce o amor pelos irmãos, quanto mais amamos a humanidade representada pelos irmãos que encontramos todos os dias mais cresce e se aprofunda o amor a Deus.

«O amor a Deus é o primeiro dos mandamentos, mas o amor ao próximo vem primeiro pela sua realização prática. Quem te dá o mandamento do amor

nestes dois preceitos não te ensina primeiro o amor ao próximo e depois o amor a Deus. No entanto, uma vez que ainda não vês a Deus, amando o próximo vais adquirir a possibilidade de ver a Deus; amando o próximo purificas o olhar para poderes ver a Deus. Ainda não conseguimos ver o Senhor, mas o próximo, esse temo-lo sempre conosco. Vai, pois, em auxílio do próximo com quem caminhas para poderes chegar Àquele com quem queres permanecer»²⁵.

«*Vai em auxílio do próximo com quem caminhas*»: é o convite de Santo Agostinho, homem cuja vida se desenrolou na tensão e na paixão de conjugar fé e razão na única e constante procura da verdade. Temos ainda de sublinhar que amar a Deus, na Bíblia, nunca é considerado puro sentimento ou realidade abstracta; mas, pelo contrário, significa escutar o Senhor e orientar para Ele o sentido da nossa existência, utilizando todos os instrumentos que, mesmo pertencendo ao mundo, são úteis para o bem do homem.

«*O amor a Deus não afasta o homem do mundo, não o isola numa devoção pessoal. Pelo contrário, é a fonte permanente e o impulso que leva a amar todos os homens sem excepção. É o único garante para criar uma sociedade em que o homem seja realmente respeitado. De facto, Deus, Pai de todos os homens que são irmãos, é o fundamento da igualdade entre os homens e da dignidade de cada um*» (Chiara Lubich).

2. Ver

«*E os homens contemplarão os cumes das montanhas, as enormes vagas do mar, os longos cursos dos rios, a imensidade do oceano, o curso dos astros...*»²⁶.

É ainda Santo Agostinho, que apaixonadamente procura a fé no mundo, que vem auxílio da nossa reflexão: amar a Deus significa reconhecê-l'O nas coisas da criação, entre as belezas das nossas paisagens, ao longo dos caminhos semeados das alegrias e das tristezas dos homens, dos seus sonhos e dos seus fracassos. Ver não apenas com os olhos mas também com a razão e com o coração, com o pensamento e com o sentimento, porque tudo é objecto do nosso amor e tudo pode conduzir-nos a Deus, que é a Verdade última. Não é por acaso que Bento XVI (18 de Abril de 2007) nos recorda que a finalidade do homem é tornar-se semelhante a Deus, e, para chegar à Verdade que é Jesus Cristo, o homem recebeu as duas asas da fé e da razão. Fé e razão, fé e ciência, que se unem para edificar a plenitude do homem.

²⁵ Santo AGOSTINHO, *Tractatus in Iohannem*.

²⁶ Santo AGOSTINHO, *Confessiones*.

É verdade que um longo conflito tem alimentado, ao longo de séculos, o debate entre fé e razão, um conflito que não encontra razão de ser senão na tentação, sempre presente, de o homem, ateu ou crente, se apropriar da verdade, da verdade última que pertence unicamente a Deus.

Contudo, já Santo Agostinho tinha dado a sua resposta: não é possível separar ou opor estas duas dimensões, mas, pelo contrário, elas devem andar sempre juntas. Como o próprio Santo Agostinho escreveu depois da sua conversão, «fé e razão são as duas forças que nos levam ao conhecimento»²⁷.

A este propósito, restam-nos as duas célebres formulações agostinianas²⁸ que exprimem uma síntese coerente entre a fé e a razão: «*crede ut intelligas*», isto é, “crê para compreender”; logo, crer para abrir o caminho e transpor as portas da verdade, mas também, e conjuntamente, «*intellige ut credas*», ou seja, “compreende para crer”, logo, procura a verdade para poderes encontrar Deus e crer.

A teologia contemporânea exprime esta ideia por estas palavras: «*se uma razão demasiado segura de si mesma, uma razão ideológica, se torna violenta e totalitária, uma fé que não dá lugar à dúvida e um crente que não quer ser o pobre que todos os dias se empenha em começar a crer, este corre o risco de fazer da sua fé uma confortável segurança*»²⁹. Ver, observar a realidade, ler a história com a atitude de fé e com os instrumentos da razão, da cultura e da ciência, para chegar, na paixão da procura, a abrir-se ao amor.

O próprio Deus deu ao homem as “asas” da fé e da razão, lembra-nos ainda Bento XVI, para lhe permitir não ceder à lei do mais forte mas reconhecer no outro um irmão que tem os mesmos direitos humanos: é a base do diálogo, do perdão e da reconciliação.

A harmonia entre fé e razão significa sobretudo que Deus não é um Deus distante: Ele não está longe da nossa razão nem da nossa vida; está próximo de cada ser humano, próximo do nosso coração e próximo da nossa razão, se realmente estivermos a caminho.

3. Avaliar

Quando se fala de amor ao próximo, pensa-se logo em obras de caridade, nos actos que é preciso realizar para com o próximo: dar-lhe de comer e de beber, visitá-lo, logo, ajudar o próximo. Mas se isto é, efectivamente, consequência

²⁷ Santo AGOSTINHO, *Contra Academicos*.

²⁸ Santo AGOSTINHO, *Sermones*.

²⁹ B. FORTE – G. GIORELLO, *Dove fede e ragione si incontrano?*; Mondadori, Milano, 2001

do amor, ainda não é o amor. Antes da beneficência está a benevolência; antes de fazer o bem, é necessário querer o bem. Isto é o «discernimento» que Cristo pede, isto é o «discernimento» ligado à experiência do amor, entendido como benevolência para com o outro, como para conosco próprios: a benevolência, o bem querer.

Mas, por vezes, impelidos pelo zelo de uma fé que não põe o amor em primeiro lugar, afastamos de nós irmãos que vivem em situações que não consideramos aceitáveis ou que fazem escolhas diferentes das nossas: mas, em toda a humanidade, qual é o homem que não é aceitável aos olhos de Deus? E qual é o gesto que não é acolhido pela misericórdia de Deus?

O mundo de hoje, com a sua perda de valores, com a multiplicidade de ideologias falsas e confusas, e o perigo de deriva para leis que se baseiam no «consumismo» e no individualismo, poderia incitar-nos a marginalizar o outro ou a sentir-nos nós próprios marginalizados, a classificar e a encerrar os homens (bons e maus) em categorias, a levantar barreiras e muros com base no ódio e no amor. Mas é-nos pedido que tenhamos uma profunda atitude de benevolência antes de qualquer empenhamento no «agir».

As feridas do homem de hoje, abandonos e traições no amor conjugal, rebelião desordenada ou ausência de ideal de muitos jovens, ofensa à infância abandonada ou violada, esquecimento em que a velhice é deixada... tudo são feridas do amor. É por isso que devemos, antes de mais, «cuidar do amor», espalhando pelo mundo novas sementes de ternura, de compreensão, de misericórdia, de benevolência.

4. Agir

Não há dúvida de que o imperativo «ama o teu próximo como a ti mesmo», já presente no Antigo Testamento, indica uma conotação do amor ainda mais clara nas palavras de Jesus: «ama» significa “age com amor para com o teu próximo”. Não se trata, pois, unicamente de se deixar conduzir por um sentimento compadecido de amor, mas antes de implicar a nossa vontade e a nossa livre escolha no nosso acto de amor.

«Amar a Deus com todo o coração e o próximo como a si mesmo» significa, então, orientar todo o seu próprio ser e todo o seu próprio agir para Deus, num impulso de amor: isto deveria ser mais do que suficiente!

Mas o Evangelho acrescenta: «com toda a tua alma», o que significa «com toda a tua vida»; «com todo o teu entendimento», que contém o pensamento e a inteligência; e, por último, «com todas as tuas forças», que engloba o conjunto de todas as energias.

«Com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todo o teu entendimento e com todas as tuas forças»... poderia parecer ser um amor exclusivo, mas, muito pelo contrário, é um amor que não tem fronteiras. Se amas a Deus, amarás também os teus pais e os teus filhos, porque é Ele que to pede; se amas a Deus, amarás os amigos e os colegas de trabalho, porque são esses os irmãos que Ele pôs ao teu lado; se amas a Deus, amarás a tua profissão, o teu trabalho, porque é esse o caminho preparado pelo seu amor por ti; se amas a Deus, amarás os teus estudos, porque queres preparar-te para o desígnio que Deus tem para a tua vida; se amas a Deus, amarás o desporto ou as distrações, porque sabes que Deus deseja que tenhas cuidado com a tua saúde e com o teu bem-estar.

Se amas a Deus, farás tudo pelos teus irmãos, empenhar-te-ás em responder às suas necessidades, cuidarás com ternura das suas feridas, partilharás as suas esperanças e lutarás por eles e com eles: é o próprio Deus quem to pede. A missão da Igreja é estar voltada para o mundo. Nós, os leigos, devemos testemunhar a eficácia do Evangelho: a família, o matrimónio, o trabalho, a política, o desporto, são os campos das nossas acções para concretizar o nosso compromisso baptismal³⁰. «*Em nome da nossa fé, temos o direito e o dever de nos apaixonar pelas coisas da terra*»³¹.

5. Partilhar

«*Não vos peço que pregueis moral a quem vos rodeia... (como são enfadonhos os bem-pensantes com a sua moral!). Não é brandindo moral que se converte o mundo, mas anunciando a prodigiosa notícia do amor de Deus por nós. Como? Abstenho-me de vos responder. Nunca um verdadeiro amor ao próximo, nem a paciência e a perseverança, tem falta de imaginação*»³².

Como reagimos ao que lemos neste capítulo?

- Que poderíamos responder ao Padre Caffarel, que nos pede imaginação para amar o próximo?
- Como casal que recebeu o dom do amor, que testemunho temos dado desse amor no meio em que vivemos? E como nos temos «gastado» por amor aos outros casais?
- Que gestos de amor temos tido para com os outros que tenham dado testemunho do amor de Deus por todos os homens?

³⁰ C. MOLARI, *Credenti laicamente nel mondo*, Cittadella, 2ª edizione 2007

³¹ P. TEILHARD DE CHARDIN, *Le milieu divin*, Il Saggiatore, Milano 1968

³² H. CAFFAREL, «Des garderies de bons chrétiens», *Lettre mensuelle END*, octobre 1953.

- «Cada conhecimento abstracto é um ser murcho», lembra-nos o Padre Teilhard de Chardin: a nossa fé é uma fé viva e concreta ou um dom murcho?

Salmo 18(19)

*Os céus proclamam a glória de Deus *
e o firmamento anuncia a obra das suas mãos.
O dia transmite ao outro esta mensagem *
e a noite a dá a conhecer à outra noite.*

*Não são palavras nem linguagem *
cujo sentido se não perceba.
O seu eco ressoou por toda a terra *
e a sua notícia até aos confins do mundo.*

*Aí levantou uma tenda para o sol, *
donde sai como esposo do seu tálamo, †
a percorrer alegremente como atleta o seu caminho.
Parte dum extremo do céu *
e no outro termina o seu curso: †
nada escapa ao seu calor.*

*A lei do Senhor é perfeita, reconforta a alma; *
as ordens do Senhor são firmes, dão sabedoria aos simples.
Os preceitos do Senhor são rectos, alegam o coração; *
os mandamentos do Senhor são claros, iluminam os olhos.*

*O temor do Senhor é puro, permanece eternamente; *
os juízos do Senhor são verdadeiros, todos eles são rectos,
mais preciosos que o ouro, o ouro mais fino, *
mais doces que o mel, o puro mel dos favos.*

*Embora o vosso servo se deixe guiar por eles *
e os observe com cuidado,
quem pode, entretanto, reconhecer os seus erros? *
Purificai-me dos que me são ocultos.*

*Preservai também do orgulho o vosso servo, †
que ele não tenha sobre mim poder algum: *
então serei irrepreensível e imune de culpa grave.
Aceitai as palavras da minha boca †
e estejam na vossa presença os pensamentos do meu coração. *
Vós, Senhor, sois meu amparo e redentor.*

Capítulo 8: A missão das Equipas

«Mas Pedro disse-lhe: “Não tenho ouro nem prata, mas o que tenho, isto te dou: Em nome de Jesus Cristo Nazareno, levanta-te e anda!”»
(Act 3,6)

1. Escutar e Reflectir

Actos dos Apóstolos 3,4-8; 4,1-3.5-10

Pedro, juntamente com João, olhando-o fixamente, disse-lhe: «Olha para nós». O coxo tinha os olhos nos dois, esperando receber alguma coisa deles.

Mas Pedro disse-lhe: «Não tenho ouro nem prata, mas o que tenho, isto te dou: Em nome de Jesus Cristo Nazareno, levanta-te e anda!».

E, segurando-o pela mão direita, ergueu-o. No mesmo instante, os pés e os artelhos se lhe tornaram firmes. De um salto, pôs-se de pé, começou a andar e entrou com eles no templo, caminhando, saltando e louvando a Deus.

Estando eles a falar ao povo, surgiram os sacerdotes, o comandante do templo e os saduceus, irritados por vê-los a ensinar o povo e a anunciar, na pessoa de Jesus, a ressurreição dos mortos. Deitaram-lhes as mãos e prenderam-nos até ao dia seguinte, pois já era tarde.

No dia seguinte, os chefes dos judeus, os anciãos e os escribas reuniram-se em Jerusalém com o Sumo Sacerdote Anás, e ainda Caifás, João, Alexandre e todos os membros das famílias dos sumos sacerdotes. Mandaram comparecer os Apóstolos diante deles e perguntaram-lhes: «Com que poder ou em nome de quem fizestes isso?».

Então Pedro, cheio do Espírito Santo, disse-lhes: «Chefes do povo e anciãos, já que hoje somos interrogados sobre um benefício feito a um enfermo e sobre o modo como ele foi curado, ficai sabendo todos vós e todo o povo de Israel: É em nome de Jesus Nazareno, que vós crucificastes e Deus ressuscitou dos mortos, é por Ele que este homem se apresenta curado diante de vós.

O milagre de Pedro, mesmo na palavra “anda” que o acompanha, lembra um dos primeiros prodígios realizados por Jesus em Cafarnaum (cf. *Lucas 5,17-26*); este efeito de eco é intencional, para sublinhar a continuidade entre a obra

de Cristo e a obra dos seus apóstolos. “Não tenho ouro nem prata”, diz Pedro, referindo-se às instruções de Jesus (cf. *Lucas* 9,3: “Nada leveis para o caminho: nem cajado, nem alforge, nem pão, nem dinheiro”); o apóstolo age unicamente pela força do nome de Jesus, o Senhor, presente em pessoa na obra dos seus discípulos.

O poder dos apóstolos não tem nada a ver com magia, nem com os recursos materiais que a inteligência humana sabe assegurar, nem sequer com um especial poder de sugestão. A intervenção das autoridades religiosas não faz senão pôr em evidência esta realidade: como Jesus, os apóstolos, desarmados, suportam a detenção e o interrogatório, mas estes actos de violência não os impedem de anunciar, com toda a franqueza, a irresistível obra do Espírito enviado por Cristo à Igreja nascente. Não são as suas forças humanas, fracas e facilmente esmagadas, que permitem tudo isso, mas é a presença de Deus a seu lado que os reconforta e os faz prevalecer, sem violência, sobre as repressões tentadas contra eles.

“Não tenho riquezas, mas o que tenho, dou-to em nome de Cristo”: o casal cristão poderia, todos os dias, apropriar-se destas palavras do apóstolo. Com todos os limites e com todas as fraquezas da fragilidade humana, *os esposos não cessam um único instante de ser anúncio vivo, encarnado*, da misericórdia do Pai, da redenção de Cristo, da força do Espírito Santo. Não gozam de uma condição privilegiada em relação aos outros seres humanos: a sua fidelidade é posta à prova dia após dia, o seu caminho transcorre por entre dificuldades, por vezes grandes, o juízo que os outros fazem deles é muitas vezes céptico ou desconfiado. Mas o apóstolo Paulo diria que é nessa fraqueza que se revela a graça. As feridas do pecado podem ser curadas pela misericórdia, a salvação de Jesus restitui a esperança e a vontade de retomar o caminho, o poder do Espírito leva a testemunhar a fé com forças renovadas. Nas situações dolorosas do sofrimento e da incompreensão, o amor do Senhor que cura pode sempre revelar-se e, por esta experiência, o casal compreende que pode ser um testemunho vivo.

2. Ver

“Olha para nós”, é o convite de Pedro ao coxo. Um olhar em que se encontram duas pobreza, a do mendigo, que muitos lastimam mas ninguém ama, e a do apóstolo, que, perdoado por Cristo depois da traição, acolheu em si a plenitude do Espírito do Senhor. O olhar entre os dois é o início de uma partilha que produz a salvação, um “milagre das mãos vazias”, segundo a expressão de Georges Bernanos.

O Padre Caffarel escreveu³³:

Mas também podemos encontrar no nosso caminho um ser no olhar do qual leiamos tanto amor que ousemos pedir-lhe que desça connosco aos abismos interiores, os das nossas misérias e dos nossos pecados. Encontro precioso. Encontro raro. E, então, as palavras da conferencista tornam-se realidade: regressamos de uma tal expedição com o sentimento de termos sido libertos. É verdade que o mal descoberto não pode deixar de causar vergonha, uma vergonha que geraria angústia e desespero se, ao mesmo tempo, no olhar daquele que nos ama, não descobríssemos que há em nós uma beleza mais profunda que o nosso mal, capaz de suscitar estima e amor.

Tantos criminosos que cederam à tentação do mal tê-lo-iam sido se tivesse pousado neles um olhar de amor? A hedionda Medeia de Anouilh, prestes a destruir-se depois de ter matado os seus filhos, declara a quem não soube amá-la: «Quando, daqui a pouco, sofreres, pensa que houve uma rapariguinha Medeia, outrora exigente e pura. Uma Medeiazinha terna e amordaçada no fundo da outra. Pensa que ela lutou sozinha, incógnita, sem uma mão estendida, e que era ela a tua verdadeira mulher!».

Por mais real que seja, essa libertação dura apenas algum tempo. O desprezo de si, provisoriamente exorcizado, regressa sorrateiramente; afinal, aquele olhar de amor sobre mim não é mais do que um olhar de homem. Não poderá enganar-se? Seria necessário que ele fosse o olhar de um deus infalível para que eu ousasse acreditar nele, para que eu ousasse expor diante dele, sem angústia, o meu ser interior.

O cristão crê no amor de Deus. Um amor que a confissão das suas tristes cobardias ou mesmo dos seus pecados graves não consegue repelir, desencorajar e abandonar. Para ele, não é possível o desprezo de si e o abatimento que ele provoca. O olhar divino reergue-o, como ao rapaz ressuscitado por Cristo.

Lúcido no que diz respeito ao seu mal, com uma lucidez sem complacência, um filho de Deus também o é, e em primeiro lugar, em relação ao que nele é digno de estima e de amor. Se, à medida que se for apercebendo do seu mal, o confessar, admitir e renegar, se reconhecer o seu bem e fizer aliança com ele, iniciar-se-á nele uma vida nova, uma renovação espiritual.

Cristo não veio julgar e condenar. Veio salvar e resgatar. E a redenção é, em primeiro lugar, a Revelação, a revelação do inimaginável, do “indesanimável”, do indestrutível amor do Pai. Amor do Pai traduzido pelos olhares de Cristo, tantas vezes evocados no Evangelho: «Olhou para ele e

³³H. CAFFAREL, *Nas encruzilhadas do amor*, Lucerna, Estoril, 2008 pp 74-75.

amou-o». O olhar de Cristo não é anónimo, impessoal: atinge o eu profundo de cada ser. Salva-se quem, ao encontrar esse olhar, reconhecer o seu pecado e o reprovar. O amor divino que, então, descobre e a que se entrega reconcilia-o consigo próprio, podendo finalmente amar-se com o amor de si sem o qual não pode viver; nele desperta e surge o “homem novo”, na alegria da manhã de Páscoa.

Mas que olhar dirigimos ao mundo de hoje, nós que, pelo olhar de Cristo, fomos perdoados e salvos?

“Somos sempre tentados a ver apenas os pontos negativos, as condições de pecado. No entanto, apesar desses sinais negativos, sabemos que o Espírito do Pai age, temos a promessa de Jesus de que o Senhor está connosco até ao fim dos tempos.

O individualismo crescente, a violência que divide a grande família humana e que se introduz em todas as relações, a incapacidade de manter um compromisso duradouro: é claro, tudo isto existe, verificamo-lo todos os dias e sabemos que isso atinge em profundidade a realidade do casal, do nosso casal.

Mas, a par disto, se quisermos ser realmente objectivos, encontramos toda uma série de outros valores que não tinham sido suficientemente tidos em conta. A procura de uma verdadeira autenticidade, de uma verdadeira coerência que possa eliminar comportamentos públicos hipócritas, o desejo de paz, não só interior mas também a nível planetário no respeito pelo direito dos povos, a maior riqueza das relações interpessoais, a ecologia isenta de toda a manipulação artificial que altera os equilíbrios naturais em favor do lucro económico: tudo isto existe e impõe-se cada vez mais na consciência das pessoas.

O mundo apresenta-se, então, com todas as suas potencialidades positivas, porque é criatura de Deus. Descobrimos mesmo, é certo, realidades negativas, pois a humanidade é atravessada pelo pecado, mas sentimos em nós, cada vez mais vivamente, a necessidade de uma reconciliação nova numa situação histórica nova³⁴.

3. Avaliar

Diante do nosso sofrimento e do dos outros, somos muitas vezes tentados a responder com um misto de energia e de rebelião, fazendo apelo aos recursos físicos e psicológicos que laboriosamente reunimos. Fazer este percurso é

³⁴ EQUIPES NOTRE DAME, *40 anni dopo: il “secondo soffio”*, Lettera della SR Italia n.133

humano, mas Jesus seguiu outro caminho: partilhou as feridas e as faltas, em vez de as ignorar ou de as condenar nos outros. Assim, ao longo deste caminho, passamos de curados a curadores e anunciadores da salvação.

«Estou cada vez mais convencido de que, em Jesus, os caminhos revolucionário e místico não são incompatíveis, não se opõem. [...] Jesus era um revolucionário que não se tornou num extremista, já que não apresentou nenhuma ideologia, mas apenas a Si próprio. Era também um místico, que não se serviu da sua relação de intimidade com Deus para evitar os demónios sociais do seu tempo, mas chocou o seu meio social a ponto de ser executado como um revolucionário. [...] Jesus tornou o seu corpo despedaçado no caminho para a saúde, para a libertação e para a vida nova. Por conseguinte, aquele que, à semelhança de Jesus, proclama a libertação é chamado a tratar não só das suas próprias feridas e das feridas dos outros, mas também a tornar as suas feridas na fonte principal do seu poder curativo. [...]

Como é que as feridas se podem tornar numa fonte de cura? [...] Comentários do tipo “Não se preocupe porque eu sofro da mesma depressão, confusão e ansiedade que você” não ajudam ninguém. [...] Tornar as nossas próprias feridas numa fonte de cura requer um desejo constante de encarar a dor e o sofrimento pessoal como procedentes do âmago da condição humana que todos os homens partilham. [...]

Quem quiser dar atenção, sem um objectivo, tem de se sentir em casa, na sua própria casa, ou seja, tem de descobrir o centro da sua vida no seu próprio coração. [...] Quando as nossas almas andam inquietas, quando somos impulsionados por milhares de estímulos diferentes e muitas vezes conflituosos, quando estamos sempre “noutra” entre as pessoas, as ideias e as preocupações deste mundo, como será possível criarmos o lugar e o espaço onde outra pessoa possa entrar livremente sem se sentir um intruso indesejado? [...]

Quando não temos medo de penetrar no âmago de nós mesmos [...] apercebemo-nos de que estar vivo significa ser amado [...] e que só podemos libertar os outros porque somos libertos por Aquele que possui um coração maior do que o nosso. Depois de descobrirmos os ancoradouros da nossa vida na nossa essência, ficamos livres para deixar os outros entrarem no espaço criado para eles e para lhes permitir que dancem a sua própria dança, cantem a sua própria canção e falem a sua própria linguagem, sem receio.

Muitas pessoas sofrem [...]. Mas quando entram numa casa verdadeiramente hospitaleira verificam rapidamente que as suas próprias feridas devem ser compreendidas [...] como sinais de que devem continuar a caminhar em

obediência aos chamamentos dessas mesmas feridas. [...] Quando os apercebemos de que não temos de fugir dos nossos sofrimentos, mas que os podemos mobilizar numa busca comum pela vida, essas mesmas dores são transformadas de uma expressão de desespero em sinais de esperança. [...]

Uma comunidade cristã é uma comunidade curativa [...] porque as feridas e os sofrimentos se tornam em janelas ou ocasiões para ver com novos olhos. [...] Se acreditássemos que o sacerdócio é um sinal de esperança [...], poderíamos compreender, e fazer com que outros compreendessem, que já transportamos dentro de nós a fonte da nossa demanda. [...] Sabemos que a humanidade sofre e que a partilha desse sofrimento nos pode fazer andar para a frente. O ministro é chamado a tornar esse avanço credível para os seus inúmeros convidados, de modo a que eles não fiquem, mas sintam um desejo crescente de continuar a andar, na convicção de que a libertação total e completa do homem e do seu mundo ainda está para vir»³⁵.

4. Agir

No matrimónio, os esposos vivem uma condição paradoxal. Enquanto testemunhas de um mistério de reconciliação, são chamados a tratar as suas feridas, feridas que eles próprios provocaram. Isso não poderá acontecer — e é importante percebê-lo — sem reconhecer que a graça do sacramento não é poder, mas presença. A graça do sacramento não dá aos esposos um poder excepcional, mas permite-lhes reconhecer a sua própria fraqueza, e incita-os a confiar na presença regeneradora de Jesus no meio deles. Vejamos a reflexão que nos traz um casal de equipistas.

«Quando somos feridos no mais profundo do nossos ser, no mais íntimo de nós mesmos, feridos naquilo em que pusemos toda a nossa confiança, o perdão humano torna-se quase impossível. Só a fé nos pode fazer perceber o perdão como “dom de Deus”. Só a oração nos pode dar força para perdoar: “Senhor, eu não consigo. Só Tu podes vir em meu auxílio”.

O perdão exige muito amor e a firme vontade de construir. O perdão vai nos dois sentidos, e é difícil nos dois sentidos porque põe em jogo o orgulho e o amor-próprio, além de que remexe feridas ainda abertas. Pedir perdão significa ter feito uma experiência de morte. Pensar que é necessário reconstruir o casal implica ter-se aceitado uma renúncia difícil, ter-se vivido uma ruptura dolorosa.

³⁵ H.M.J. Nouwen, *O curador ferido. O ministério na sociedade contemporânea*, Paulinas Editora, 2010.

É no momento da crise, da provação que se mede a grandeza e o valor do sacramento do matrimónio. Tal é o suporte da fé para quem quer verdadeiramente compreender e viver o sacramento do matrimónio nesta perspectiva. Este acto de fé é uma proposta, um convite a acreditar em algo de grande, de superior às nossas fraquezas humanas, um acto de esperança nos infinitos recursos do homem, que recebe ajuda do Senhor. É também um acto de esperança no poder da Aliança: Deus guia o casal através da vida, como guiou o seu povo no deserto. O povo de Deus teve fome e sede, sofreu, protestou, mas todos os dias recebeu o maná que o ajudou a resistir dia após dia, e, no fim da caminhada, chegou à terra prometida. É com a mesma esperança no coração que um casal unido pelo sacramento do matrimónio pode atravessar as tempestades»³⁶.

Regenerados por este perdão que Cristo oferece a quem O olha a partir da sua própria pobreza os cristãos, tal como Pedro, dão hoje no mundo o testemunho de um anúncio que liberta e salva os homens. No entanto, a tentação de esquecer a suas próprias fraquezas, de ontem e de hoje, está sempre presente. Enzo Bianchi, prior da comunidade monástica de Bose, alerta contra uma hipocrisia que se esconde por detrás do empenhamento dos cristãos na sociedade de hoje.

«Na situação actual, muitos auspiciam um cristianismo vivido segundo o paradigma da religião forte e encarnado em minorias activas e convincentes, capazes de garantir identidade e visibilidade que se impõem, porque pensadas numa estratégia defensiva e de concorrência. Quanto a mim, afirmo, ao invés, que só vivendo a diferença cristã na companhia dos homens se inicia uma dinâmica que abala a indiferença à fé cristã e às suas exigências, típica também de muitos autoproclamados católicos.

[...] seria, pois, desejável um percurso de sério aprofundamento na comunidade cristã que, em suma, se dê conta de duas exigências. A primeira consiste em pôr o acento no Evangelho, naquele texto que o Concílio quis e soube colocar de novo nas mãos dos católicos na sua integridade e riqueza [...]. Como é possível, ignorando o Evangelho, conhecer Jesus Cristo e ver n'Ele o Senhor? Como se pode apreender a sua humanidade exemplar, a humanização de Deus "para nos ensinar a viver como homens neste mundo", segundo a expressão de São Paulo? Como perceber que a meta da humanização de Deus é a autêntica humanização do homem?

A segunda exigência é a escuta da humanidade de hoje, de homens e mulheres [...]. Na conjugação do Evangelho e do homem, da fé e da dimensão

³⁶ B. & B. Chovelon, *L'aventure du mariage chrétien.*, Cerf édition, 2002

antropológica, joga-se hoje o futuro da fé cristã. Se houve e existe um fracasso, é o da transmissão, da “tradição” da fé, mas o antídoto consiste apenas no restabelecimento do primado do Evangelho e da escuta do humano. Num período em que tudo está posto em causa — a concepção da relação com o seu corpo, com o outro sexo, com o sofrimento, com o tempo, com a natureza... — é necessário elaborar respostas de sabedoria que digam quem é o ser humano e como se pode humanizar mediante uma qualidade de vida pessoal e de convivência.

[...] Em conjunto, cristãos e não cristãos, devemos levantar a questão antropológica: quem é o homem? Para onde vai? Como pode viver numa sociedade que luta contra a barbárie e a favor da humanização? Das respostas que cada qual, a partir do seu património espiritual, souber dar depende, sem dúvida, o nosso futuro, mas também, já desde hoje, a qualidade da nossa vida pessoal e da convivência civil»³⁷.

5. Partilhar

Como reagimos ao que lemos neste capítulo?

Para um diálogo em casal

- Recordemos um momento de tensão e de aridez na nossa vida conjugal. Como é que ele se manifestou? Que fraquezas fez emergir? Que passos concretos demos, um para com o outro, para ultrapassarmos as nossas incompreensões?
- Com que gestos verificámos a nossa reconciliação? Que nos ajudaram eles a mudar ou a renovar na nossa relação? Com a nossa bagagem de experiência, que gostaríamos de dizer aos casais, crentes e não crentes, a propósito das dificuldades com que se deparam no seu percurso?

Para a reunião de equipa

«Temos de caminhar com os nossos irmãos no mundo de hoje. Há problemas, como a oração ou a doença, a relação de casal ou a educação dos filhos, sobre os quais temos uma longa tradição, mas há outros, como a democracia e a cooperação internacional, a paz ou o mundo do voluntariado, as razões do ateu e o ecumenismo, os desvios e o diálogo inter-religioso, em relação aos quais não fazemos senão balbuciar ou que nos inspiram um misto de admiração e desconfiança quando um casal fez determinadas escolhas para lhes fazer face.

³⁷ E. BIANCHI, *Para uma ética partilhada*, Pedra Angular, 2009, pp. 100-103.

É preciso tempo, trabalho e constância, mas como não perguntar às ENS o que fizeram do “segundo fôlego”, o que fizeram daquela primavera do Espírito evocada em Lourdes?

Para ir nessa direcção, é importante desenvolver dinâmismos de comunicação ao nível da fé e dos testemunhos de experiências, fazer circular entre nós reflexões e projectos, tentar criar um consenso em torno de um modo de vida conjugal. Cabe a cada casal encontrar o seu próprio percurso, um percurso viável para o casal, sem seguir as opções feitas por outros. Mas o que é importante é que todos caminhem»³⁸.

- Começemos por partilhar as ressonâncias e as reacções às reflexões propostas.
- Que espaço encontram na partilha e no pôr em comum a troca de impressões e o diálogo sobre as nossas limitações, os obstáculos que encontramos e as fraquezas pessoais que se manifestam ao longo do nosso percurso juntos? Qual é a nossa atitude face à oportunidade da correcção fraterna?
- A nossa caminhada em equipa ajuda-nos a identificar e a desenvolver algum ponto concreto de esforço no nosso testemunho de fé? Ajuda-nos a descobrir as fraquezas em certos aspectos da nossa vocação leiga e conjugal? Sentimos necessidade de um estilo de vida mais coerente, enquanto casal e equipa, para tornar mais credível o anúncio que o Senhor nos confiou?

Salmo 102(103)

*Bendiz, ó minha alma, o Senhor **
e todo o meu ser bendiga o seu nome santo.

*Bendiz, ó minha alma, o Senhor, **
e não esqueças nenhum dos seus benefícios.

*Ele perdoa todos os teus pecados **
e cura as tuas enfermidades.

*Salva da morte a tua vida **
e coroa-te de graça e misericórdia.

*Enche de bens a tua existência **
e te rejuvenesce como a águia.

³⁸ G. Colzani, “Una fede che trasporti le montagne”, Lettera END [Italia] 89/1996.

*O Senhor faz justiça **
e defende o direito de todos os oprimidos.
*Revelou a Moisés os seus caminhos **
e aos filhos de Israel os seus prodígios.

*O Senhor é clemente e compassivo, **
paciente e cheio de bondade.
*Não está sempre a repreender **
nem guarda ressentimento.
*Não nos tratou segundo os nossos pecados **
nem nos castigou segundo as nossas culpas.

*Como a distância da terra aos céus, **
assim é grande a sua misericórdia para os que O temem.
*Como o Oriente dista do Ocidente, **
assim Ele afasta de nós os nossos pecados.
*Como um pai se compadece de seus filhos, **
assim o senhor Se compadece dos que O temem.

*Ele sabe de que somos formados **
e não Se esquece que somos pó da terra.
*Os dias do homem são como feno: **
ele desabrocha como a flor do campo,
*mal sopra o vento desaparece **
e não mais se conhece o seu lugar.

A bondade do Senhor permanece eternamente †
*sobre aqueles que O temem, **
e a sua justiça sobre os filhos dos seus filhos,
*sobre aqueles que guardam a sua aliança **
e se lembram de cumprir os seus preceitos.
*O Senhor fixou no céu o seu trono **
e o seu reino estende-se sobre o universo.

*Bendizei o Senhor, todos os seus anjos, **
poderosos executores das suas ordens, †
sempre atentos à sua palavra.

*Bendizei o Senhor, todos os seus exércitos, **
que estais ao seu serviço †
e executais a sua vontade.

*Bendizei o Senhor, todas as suas obras, **
em todos os lugares do seu domínio. †
Bendiz, ó minha alma, o Senhor.

Anexo I



ROTEIRO DA REUNIÃO MENSAL

1. REFEIÇÃO

Iniciada com uma pequena oração simples e vivida em espírito de entreatajuda.

2. ORAÇÃO

- a. Invocação do Espírito Santo
- b. Leitura e Escuta da Palavra de Deus
- c. Oração Pessoal
- d. Intenções

3. PARTILHA ESPIRITUAL

Testemunho sobre a vivência dos **Pontos Concretos de Esforço** tendo em vista as

Atitudes de Vida.

É bom fazer também neste ponto uma reflexão sobre a **vida em Equipa e no Movimento.**

4. PÔR EM COMUM

Pomos em comum a nossa vida, partilhamos com os outros casais a nossa vida pessoal, conjugal, familiar, profissional, os compromissos... numa perspectiva de entreatajuda e caridade.

5. TEMA DE ESTUDO

Aprofundamos juntos a nossa fé, tendo sido previamente preparado em casal e enviado ao casal responsável da equipa para a reunião preparatória.

6. MAGNIFICAT E BÊNÇÃO FINAL

MÍSTICA DA PARTILHA E DOS PONTOS CONCRETOS DE ESFORÇO

PONTOS CONCRETOS DE ESFORÇO (PCE)

- Oração Pessoal
- Palavra de Deus
- Oração Conjugal/Familiar
- Regra de Vida
- Dever de se Sentar
- Retiro

AS TRÊS ATITUDES

- Procura assídua da vontade de Deus
- Procura da verdade sobre nós mesmos
- Experiência do encontro e da comunhão

INVOCAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO

Vinde, Espírito Santo, enchei os corações dos nossos fiéis e acendei neles o fogo do vosso amor.

V. Enviai, Senhor, o vosso Espírito e tudo será criado

R. E renovareis a face da terra.

Oremos: *Ó Deus que instruístes os corações dos vossos fiéis com a luz do Espírito Santo, fazei que apreciemos rectamente todas as coisas, segundo o mesmo Espírito, e gozemos sempre da Sua consolação. Por Cristo, Senhor Nosso.*

R. Ámen.

MAGNIFICAT

*A minha alma glorifica o Senhor
E o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador!*

*Porque pôs os olhos na humildade de sua serva:
De hoje em diante me chamarão bem-aventurada todas as gerações.
O Todo-Poderoso fez em mim maravilhas:
Santo é seu nome.*

*A sua misericórdia se estende de geração em geração
Sobre aqueles que O temem.
Manifestou o poder de seu braço
E dispersou os soberbos.*

*Derrubou os poderosos de seus tronos
E exaltou os humildes.
Aos famintos encheu de bens
E aos ricos despediu de mãos vazias.*

*Acolheu a Israel, seu servo,
Lembrado da sua misericórdia,
Como tinha prometido a nossos pais,
A Abraão, e à sua descendência para sempre.*

*Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo,
Como era no princípio, agora e sempre.
Ámen.*

FICHA TÉCNICA

Tema de estudo preparado pela Equipa Responsável Internacional

Tradução: Isabel Baptista Ferreira

Impressão: Indugráfica, Lda. - Fátima

Propriedade e Administração:

ENS - Equipas de Nossa Senhora

Movimento de Espiritualidade Conjugal

Av. Roma 96, 4.º Esq. - 1700-352 Lisboa

Telefone: 21 6093242 - Tel./Fax: 21 6097677

E-mail: ens@ens.pt Site: www.ens.pt